



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA - TEL

**O ROMANCE ÚRSULA: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO RETRATO
FEMININO EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL DO SÉCULO XIX**

LETÍCIA GASPAR ALMEIDA

BRASÍLIA - DF

2019

LETÍCIA GASPAR ALMEIDA

**O ROMANCE ÚRSULA: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO RETRATO
FEMININO EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL DO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Letras – Português, sob orientação da Profa Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

BRASÍLIA- DF

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

ALMEIDA, Letícia Gaspar. O romance *Úrsula*: Observação e análise do retrato feminino em uma sociedade patriarcal do século XIX

Orientação: Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

52 páginas.

Úrsula. Maria Firmina dos Reis. Patriarcado. Feminismo. Mulheres

Brasília/DF, 2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Carla Gaspar Ribeiro e Kleber Almeida Teixeira, por todo o amor, carinho, apoio, investimento, incentivo e inspiração, sem vocês esse momento não seria possível, é de vocês que eu tiro toda a força para seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

À Deus, de onde tiro toda a força e capacidade de continuar, pois Dele e nele que encontro o conforto e amor necessário.

À minha orientadora, Adriana de Fátima Barbosa Araújo, por sempre me incentivar e despertar em mim o amor pela literatura, e principalmente por me mostrar que podemos mudar o mundo através das palavras.

Aos meus amigos, Rayane Coutinho, Ísis de Araujo, Nathália Araújo, Lucas Almeida, Gabriel Almeida, Rafaele Coutinho, Bruno Ferreira, Thayrone Silveira, Lucas Araújo, Manuela Melo, Kamilla Bonifácio, Juliana Melo, Beatriz Cirilo, Rebeca Carvalho, Eduardo Nunes, Larissa Guedes, Marina Rodrigues, Gabriela Nobre, Tábatta Barcelos, Nayara Isabel, Erika Albuquerque, e todos os outros, por sempre estarem perto de mim e me ajudarem nos momentos mais difíceis, à vocês devo muito e sempre estarão eu meu coração, amo vocês.

Ao Rafael Veloso Mendes, por toda a jornada que vencemos juntos, agradeço por todos os momentos de aprendizado, seja acadêmico, seja na vida, obrigada por esse longa jornada sempre, que venham mais anos.

À minha família, por nunca me deixarem desanimar e sempre confiarem no meu potencial, a vocês eu devo minha vida.

Aos meus irmãos, Gabriela Gaspar e Bruno Almeida, você me ensinaram o sentido da palavra paciência e amor.

A Thalita Chagas, Yvone Lira, Elaine Araújo, Daniele Lins, Valdinei Reis, Philip Santana, Diego Campideli, Diego Veríssimo, por despertarem em mim o dom da educação, por sempre serem exemplos e inspirações, obrigada.

A todos aqueles que fizeram parte de minha vida, pois sou quem sou hoje graças a todas as pessoas que passaram por mim, somos sempre um eterno aprendiz.

"Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre. Porque alguém disse e eu concordo que o tempo cura, que a mágoa passa, que decepção não mata, e que a vida sempre, sempre continua."

Simone de Beauvoir.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	8
1. INTRODUÇÃO	9
2. Maria Firmina dos Reis: relatos de uma vida.....	11
2.1. Úrsula, a voz dos marginalizados.....	12
2.2. Literatura: cânone e formação da sociedade.....	17
2.3. Úrsula e a escravidão.....	20
3. Úrsula e o patriarcado: influências negativas da sociedade de privilégios sociais..	23
3.1. As mulheres em Úrsula, um retrato fiel a sociedade do século XIX	25
3.1.1. Úrsula	26
3.1.2. Adelaide	29
3.1.3. Mãe Susana.....	33
3.1.4. Luísa B.	35
3.1.5. Mãe de Tancredo	36
4. A figura feminina em contraste com a sociedade patriarcal	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

RESUMO

O seguinte trabalho tem por um dos objetivos estudar e compreender, por meio da análise da obra “*Úrsula*” de Maria Firmina dos Reis, quais foram as raízes do sistema patriarcal e de como ele teve e tem bastante influência na organização da sociedade, seja ela do século XIX, período em que a obra foi escrita, seja no século XXI. Outro objetivo desse projeto é mostrar como as mulheres e os negros sempre estiveram em uma posição de inferioridade na sociedade, através de análises das personagens femininas da obra, buscou-se trazer um problema antigo que afeta milhares de mulheres ao longo dos anos e de como essas mulheres não possuíam nenhum poder de fala, sempre tinha de ser submetidas ao poder masculino, visto que sempre vivemos em uma sociedade com organização patriarcal. Para a realização deste trabalho, utilizou-se uma pesquisa teórica, em que foram utilizados diversos embasamentos teóricos para explicar a pesquisa que está sendo apresentada. Um dos resultados encontrados foi que por meio de análises da obra e do contexto ao qual ela foi elaborada, vimos que a escrita de Maria Firmina era inovadora e de certa forma libertária, pois foi a primeira vez que as mulheres e os negros tiveram voz em uma obra daquele século, mas que apesar de toda a inovação, seu destino seria o mesmo. Conclui-se com este estudo que o sistema patriarcal instaurado há anos ainda perdura na sociedade e traz muitos problemas às mulheres, problemas esses como a violência, a falta de representatividade, a diferença social e até mesmo profissional. E um dos objetivos desse trabalho é fazer com que as pessoas pensem em formas e métodos de termos uma verdadeira igualdade de gêneros.

Palavras-chave: *Úrsula*. Maria Firmina dos Reis. Patriarcado. Feminismo. Mulheres.

1. INTRODUÇÃO

A luta por direito iguais entre homens e mulheres é um assunto que vem sendo abordado ao longo dos anos e que ainda não teve o devido desfecho merecido. Ao falarmos sobre a organização da sociedade, temos de ressaltar que ela sempre fora regida por um sistema patriarcal, ou seja, um sistema aonde as mulheres têm papéis de inferioridade e o homem é detentor de todo o conhecimento, inteligência, força e diversas outras qualidades necessárias para ser considerado como um cidadão. O intuito desse estudo é mostrar como a mulher tem papel fundamental na sociedade, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, mostrando que sempre precisaram passar por lutas para mostrar seu valor perante o mundo, demonstrando ser capaz de mudar todo um cenário.

O tema escolhido foi justamente o papel da mulher na sociedade do século XIX, e quais eram e ainda continuam sendo os problemas enfrentados por essas mulheres através dos anos e também como se deu a organização social patriarcal a qual somos impostos, e como essa organização interfere de forma negativa. Todo o estudo foi baseado na obra “*Úrsula*”, de Maria Firmina dos Reis, uma das primeiras obras abolicionistas do Brasil, que fala sobre como o negro e a mulher eram marginalizados e tratados de forma inferior ao homem branco dono de terras. Maria Firmina busca em sua obra mostrar o lado sensível e humano de tudo que as mulheres e os escravos passaram, tornando-se a primeira mulher a dar voz a todos os tipos de personagens, fazendo com que o mundo conheça mais sobre o lado da mulher e do negro, da forma mais sensível.

Maria Firmina nos traz uma espécie de revolução, por ser uma mulher, negra, pobre, que pôde ter acesso aos estudos e ainda se tornar uma professora, ou seja, desde sua vida até sua obra, ela nos mostra um verdadeiro exemplo a ser seguido, mesmo que tudo não tenha acontecido da melhor forma possível, ela mostra que as mulheres podem sim fazer coisas incríveis, ao contrário do que muitos acham.

Em um primeiro momento tem-se a história dessa grande mulher e todos os percalços os quais ela passou e que só após anos de sua morte teve a devida notoriedade tanto esperada. Logo após, pode-se encontrar como Maria Firmina deu voz aos marginalizados e como ela estruturou sua narrativa, temos um breve resumo da história de *Úrsula* e todas as personagens que a compõem, para que depois se possa fazer uma análise mais minuciosa.

Passado esse momento, busca-se falar um pouco sobre a relação “literatura-cânone-sociedade-formação”, trazendo dados de como foi o processo da criação de um sistema patriarcal e suas origens, mostrando como a literatura pode influenciar diretamente na sociedade e em como a sociedade influencia na literatura, seja de forma benéfica ou maléfica. Vamos também falar sobre o que consiste o cânone, e investigar o que fez obras como “*Úrsula*” e outras obras de autoria feminina ficarem fora da área dos estudos literários. Depois será relatado como Maria Firmina, em sua obra, falou de temas até então não abordados na esfera literária, em específico a questão do negro e da escravidão, onde ela pela primeira vez mostra o lado sensível e do sofrimento daquele povo.

No capítulo seguinte, começamos logo mostrando o que caracteriza uma sociedade patriarcal, quais são os fundamentos dessa sociedade e a forma como ela interfere em todos os âmbitos de uma sociedade. Mostrar-se-á o que consiste tal organização, como surgiu e como ainda se faz presente. Logo após, teremos uma análise minuciosa das personagens femininas na obra de Maria Firmina dos Reis, mostrando todas as situações passadas por aquelas mulheres, mulheres essas que representavam todos os tipos de comportamentos esperados ou não a uma mulher do século XIX e quais seriam seus destinos, mostrando que até mesmo a mulher que foge do padrão da época, tem o mesmo fim que todas as outras, a morte.

Por fim, após análise das personagens e suas situações, teremos um momento em que vamos abordar a situação da mulher atual e os problemas ainda enfrentados desde aquela época, buscando fazer uma ligação com a obra, analisando quais foram as mudanças ocorridas ao longo dos anos e se de fato foram significativas, e como muitas vezes ainda temos situações de violência contra as mulheres, seja física ou psicológica.

2. Maria Firmina dos Reis: relatos de uma vida

Maria Firmina dos Reis nasceu no dia 11 de Outubro de 1825, na Ilha de São Luís, capital da até então província de Maranhão. Negra e pobre, filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis, ficou órfã aos cinco anos e teve de mudar-se para Vila de São José de Guimarães, situada no município de Viamão, no Maranhão. Passou parte de sua vida morando na casa de uma tia materna, financeiramente melhor de vida. O acolhimento por parte de sua tia foi de grande influência para sua primeira formação (MOTT, 1988).

Vivendo em um momento de segregação racial e social, Maria Firmina dos Reis contou com o incentivo do jornalista, escritor e gramático Francisco Sotero dos Reis, primo materno de Maria Firmina dos Reis, a quem a mesma diz, em muitas de seus poemas, dever sua formação cultural. Formou-se professora, exercendo tal função durante muitos anos, chegando a receber um título de “Mestre Régia”.

No ano de 1847, Maria Firmina venceu o concurso público para uma Cadeira de Instrução Primária, trabalhando com o magistério até o ano de 1881. Com apenas vinte e dois anos de idade, tornou-se a primeira professora efetiva a integrar os quadros do magistério maranhense. Desde sempre, a autora já se mostrava preocupada com as mazelas da sociedade de sua época, sendo sempre solidária aos grupos oprimidos, segundo seu biógrafo e responsável por sua descoberta, José Nascimento Moraes Filho. Em 1881, quando se aposentou, fundou no vilarejo de Maçaricó a primeira escola mista e gratuita do estado, destinada aos filhos de lavradores e donos de terras da região.

Além de mestra, Maria Firmina foi escritora e colaborou para a imprensa local com poesias, crônicas, ficções e outros gêneros. Seu acervo literário não é extenso, entre suas obras, podemos encontrar romances, contos e poesias. A primeira obra da qual se tem notícia é o romance intitulado *Úrsula*, publicado no ano de 1859, na cidade de São Luís, cujo qual teria sido assinado pelo heterônimo, “Uma maranhense...”. Sua obra pode ser considerada como uma das primeiras de autoria feminina, que trata em primeira mão a questão abolicionista brasileira, ou seja, uma das primeiras obras abolicionistas foi escrita por uma mulher negra.

O exercício da escrita para as mulheres do século XIX, em específico Maria Firmina dos Reis, era uma forma de ultrapassar os limites sociais acordado por uma sociedade conservadora e escravocrata, em que a mulher, assim como o negro, não possuía voz e nem mesmo direitos de ir e vir. Com a publicação de *Úrsula*, tem-se pela primeira vez o retrato positivo do negro, sem os estereótipos comuns de seu tempo

traçados por pessoas brancas, além da denúncia ao cerceamento de direitos e as agressões às quais as mulheres brasileiras eram expostas. Após a publicação de *Úrsula*, Maria Firmina teve outras obras publicadas, como o romance indianista “*Gupeva*” (1865), o livro de poesias “*Cantos à beira-mar*” (1871) e o conto “*A Escrava*” (1887), sendo esse último também de caráter abolicionista.

Apesar do relativo sucesso alcançado em seu tempo, as obras de Maria Firmina foram esquecidas durante anos, assim como as obras de todas as escritoras mulheres do século XIX. Todos os romances produzidos por mulheres não tiveram a notoriedade merecida, logo, uma obra que trata da mulher e do negro, “*Úrsula*”, jamais teve seu devido reconhecimento em sua época, sendo retomados os estudos sobre a obra anos depois.

Em 11 de novembro de 1971, veio a óbito, em Guimarães. Teve sua vida inteira dedicada ao ensino, leitura e escrita, abrindo assim as portas para que outras mulheres, graças às suas lutas, pudessem, assim como ela, irem atrás de novos horizontes que lhes eram negados.

2.1. *Úrsula*, a voz dos marginalizados.

Desde o começo da obra, já no prólogo, Maria Firmina dos Reis, apresenta o livro de uma forma interessante, se refere a sua obra como “mesquinha e humilde”. Logo em suas primeiras palavras já se pode notar o tom crítico de denuncia da situação da sociedade brasileira da época. A autora em seu prólogo diz:

Não é vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo [...] deixai pois que minha *Úrsula*, tímida e acanhada, sem dotes de natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós (REIS, 1859).

A denúncia que Maria Firmina traz nesse trecho é de como a sociedade não estava acostumada e preparada para uma mulher escritora. Quando ela se coloca na posição de humildade, nota-se que ela não quer impor à sociedade sua escrita, e sim pedir uma oportunidade para que seja lida, para que seja vista.

No século XIX, período em que esse livro fora escrito, não era comum que as mulheres escrevessem e muito menos publicassem suas obras. À mulher cabiam apenas

trabalhos de casa, muitas não eram nem alfabetizadas, porque eram consideradas menos capazes intelectualmente que os homens, afinal, estamos falando de uma sociedade patriarcal. Agora veja, uma mulher nessa época sequer saía de casa, eram “preparadas” para o casamento, para o serviço doméstico e para ter filhos. Maria Firmina foge dos estereótipos e escreve um livro, contando a visão da mulher e do negro, duas classes oprimidas na história, e pede para que as pessoas a acolham, para que outras mulheres possam seguir seus passos e se sintam encorajadas a escreverem. Ela não fala em nenhum momento que é a melhor obra e a mais bem escrita, mas pede para que deem uma chance para sua Úrsula, para que ela conquiste, cative e incentive mais mulheres à produção literária.

Em seu contexto, a obra conta a história de uma jovem, chamada Úrsula e de seu envolvimento amoroso com Tancredo e como tal desenrolar do enlace teve uma série de consequências para todos que estavam envolvidos. Em sua perfeita imagem de castidade e pureza, Úrsula conta com a ajuda de Túlio e Susana, ambos escravos, para cuidar da mãe doente e parálitica, Dona Luísa B., após a morte de seu pai. Vinda de uma família rica, D. Luísa, que há muito tempo brigara com o irmão por querer se casar com um homem de condição inferior. Tal briga levou-a a ser deserdada pelo mesmo. Quando saiu de casa, Luísa levou consigo seus escravos, Túlio e Susana, livrando-os dos maus-tratos sofridos na casa de seu irmão. Após o casamento, mesmo depois de ter sofrido pela briga que teve com seu irmão, a pobre mulher nunca fora feliz em seu casamento, chegando a sofrer agressões físicas e psicológicas, devido ao temperamento intempestivo do marido, este que, por fim, tem um trágico final, é encontrado morto e sem pistas do assassino.

Viúva e com uma filha pequena para criar, Luísa, até onde deu conta, cuidou muito bem de sua filha, que pode ser considerada um exemplo de recato e abnegação, nunca reclama do fato de ter de cuidar da mãe por tantos anos após a mesma ter sido acometida por uma doença que a deixou parálitica, fazendo com que ficasse totalmente sob os cuidados de sua filha. Úrsula não é de sonhar com o príncipe encantado, mas não nega que seu futuro e de sua mãe seriam melhores se fossem salvas por um nobre cavaleiro, que eventualmente vem aparecer em sua vida. Em ordem cronológica, é apresentado ao leitor primeiramente o jovem amado de Úrsula, Tancredo é seu nome.

Logo no primeiro capítulo, Tancredo é apresentado vagando pelo sertão, quando subitamente sucumbe ao cansaço e acaba por desmaiar em cima do seu cavalo, o qual também estava sucumbindo e acaba morrendo. Ao longe um jovem observa tal cena e

decide ajudar, este jovem é Túlio, que o leva para casa de sua patroa para que ele tenha os devidos cuidados. Desse encontro, nasce uma grande amizade entre os dois, pois como diz a própria obra, duas almas generosas se reconhecem. Como um grande ponto de diferencial da obra de Maria Firmina, Túlio é retratado diferente das antes escritas. Tal personagem está sendo descrita com todas as melhores características, nenhum traço negativo é atrelado ao fato dele ser negro ou sua condição de escravo. Pelo contrário, Túlio e Tancredo são apresentados com iguais, o que oportuniza sua relação de amizade e respeito mútuo. Não se encontra durante a narrativa um momento sequer em que Tancredo e Túlio têm uma relação do escravo ser inferior ao homem branco, pelo menos não entre essas personagens.

Após ser levado à casa da patroa de Túlio, Tancredo tem vários delírios, e é em um desses delírios que ele fala o nome de Adelaide, fato que deixa Úrsula bastante curiosa para saber quem é a moça que tanto povoas os pensamentos do jovem mancebo. Um dia, mais recuperado, Tancredo deu a Túlio o valor para que o mesmo comprasse sua alforria, tornando-o um homem “livre”. É nesse momento que notamos outra vez, como a narrativa de Maria Firmina dos Reis traz algo até então impossível e improvável para época, pois, quando Túlio consegue sua alforria, Úrsula chega a ter inveja de sua liberdade e de poder sair em liberdade para aventurar-se com o cavaleiro, o qual já havia se apaixonado.

Certo dia, Tancredo e Úrsula declaram seu amor um pelo outro e Tancredo conta a história de quem é Adelaide. A partir desse momento, torna-se do conhecimento do leitor que Adelaide era uma mulher a quem Tancredo amava e que o tinha traído da pior forma possível. Tancredo, quando mais jovem, havia saído para estudar fora e quando regressou ao seu lar, deparou-se com a figura de Adelaide, sobrinha de sua querida mãe, que havia ficado órfã e agora estava sob os cuidados da mesma. Logo que a viu se apaixonou e o desejo de pedi-la em casamento logo nasceu dentro de si. A princípio, seu pai foi contra, pois a moça era de classe menos favorecida e o pai dizia a Tancredo que ela estava interessada apenas no dinheiro do jovem.

Após muito insistir, o pai de Tancredo fez uma proposta, deixaria os jovens se casarem com uma condição, que o mesmo fosse fazer um trabalho na cidade e apenas quando voltasse o casamento seria autorizado. Em um primeiro momento, Tancredo foi contra, queria viajar já casado com Adelaide, mas acabou concordando com o pai, e assim viajou sem casar-se. Com o passar do tempo, Tancredo parou de receber as cartas de Adelaide e nas cartas que sua mãe mandava tampouco se ouvia falar da moça.

Sentindo que algo ruim podia estar acontecendo com sua mãe, Tancredo volta à casa de seus pais e toma conhecimento de que sua mãe havia falecido, teria enfim sucumbido a todos os maus-tratos sofridos ao longo dos anos de casamento com seu pai.

Quando Tancredo vai a procura de Adelaide, descobre que ela estava casada com seu pai, e que de certa forma, também havia colaborado com a morte da mulher que Tancredo mais amava, sua mãe. Transtornado, o jovem deixa a casa de seus pais para nunca mais voltar. Após contar o ocorrido para Úrsula, Tancredo afirma que a moça tirou de seu coração o amargo instaurado pelas traições sofridas, que o amor de Úrsula foi sua redenção. Depois de tantas declarações, Tancredo afirma precisar fazer uma viagem, mas que quando voltar, se casará com Úrsula e não a deixará desamparada, promessa essa feita a própria D. Luísa, mãe de Úrsula.

Após sua partida, em um passeio na floresta, onde Úrsula lamenta a partida de seu amado, ela se depara com a figura de um homem que de imediato lhe dá receio. Para se aproximar da jovem, o homem diz ser amigo de sua mãe e que a conhece há anos. Úrsula de imediato desconfia e não acreditando muito no homem, volta pra casa e conta para sua mãe sobre o tal encontro. Torna-se esclarecido ao leitor que o homem é o comendador Fernando de P***, que logo depois se descobre ser o irmão de D. Luísa e tio de Úrsula. O homem jura que terá Úrsula a qualquer custo. Em uma visita a irmã, o comendador fala que quando a mesma morrer, Úrsula será dele. Não tarda muito para D. Luísa morrer deixando um recado para que sua filha fuja, pois será o único jeito de se livrar do comendador.

No dia do enterro da sua mãe, após todos irem embora, Úrsula retorna ao túmulo para lamentar, acaba desmaiando e nesse momento, Tancredo, que havia voltado a cidade e procurado por sua amada, descobre por meio de Susana que a mesma estava no cemitério. Chegando lá, Tancredo avista o corpo de sua amada que no momento desperta e fala que ambos tem de fugir, pois o comendador está atrás deles. Tendo em vista tal perigo, Tancredo, Úrsula e Túlio se encaminham a cidade, onde Úrsula fica em um convento até o dia de seu casamento com Tancredo.

Nesse ponto, o comendador já doente de ciúmes e querendo vingança, procura pelos dois, e no dia do casamento, após o casal ter sacramentado o romance, Fernando aparece e mata primeiramente Túlio, que havia fugido da prisão que o comendador havia lhe colocado, para contar ao casal os planos de vingança do comendador. Após matar Túlio, Fernando atira em Tancredo, mesmo Úrsula tendo lhe suplicado que a levasse no lugar do amado. Não obtendo sucesso, o comendador mata Tancredo. Dois

dias depois do ocorrido, Úrsula se encontra na casa do comendador, porém, fica louca de tanta tristeza e isso para Fernando é como todo o castigo que ele merece.

Por fim, dois anos após a morte de Úrsula, que morreu de tristeza e loucura, morre também Fernando, em um convento no qual era conhecido como Luís de Santa Úrsula, onde confessa a um padre todos os seus crimes e morre com profundo arrependimento.

Ao publicar “*Úrsula*”, Maria Firmina dos Reis desconstrói uma história literária etnocêntrica e masculina. Segundo Duarte (2004):

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, [...], mas é também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto do negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em discutir a condição dos negros no Brasil [...]. O romance *Úrsula* vem inaugurar, em nossas letras, o momento em que remanescentes escravos tomam, com as suas mãos, o sonho de, através da literatura, construir um país sem opressão.

O negro, apesar da personagem principal ser uma mulher branca, não aparece apenas como parte da narrativa, e sim como agente participante do enredo, pois sua história é contada do ponto de vista interno através das personagens Túlio e Suzana. Temos uma visão positiva do negro sem colocá-los nos moldes preconceituosos, temos um olhar mais puro e verdadeiro sobre a escravidão. Até mesmo a narrativa de Susana sobre sua liberdade na África, antes de ser raptada e trazida para ser escrava:

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, , 2018).

Maria Firmina aponta, através do romance romântico comum ao século, com uma atitude política, denúncias das injustiças há séculos presentes na sociedade patriarcal brasileira, que tem na mulher, no índio e no escravo, suas principais vítimas. Por isso, a obra a todo o momento é um ato de denúncia, não deixando de lado a parte do amor romântico entre o casal principal, mas, não é isso que tem papel central na obra

de Maria Firmina. A escravidão e os locais da mulher são o cenário social do enredo, onde ela busca de maneira inovadora dar voz a estes grupos injustiçados. O negro, nesse romance, pode enfim falar de suas memórias, tanto da época em que eram realmente livres, como o trajeto que fizeram em navios negreiros, assim como a mulher fala dos seus abusos sofridos ao longo dos tempos, mostrando assim, que o negro e a mulher se assemelham no que diz respeito a papéis na sociedade.

O grande questionamento levantado é por que, mesmo tendo todo o perfil de romance do século XIX e mesmo tratando de temas importantes e que valem a pena serem discutidos, a obra não faz parte do cânone da literatura brasileira. “Por que “Úrsula”, foi mantida fora durante tantos anos das linhas de estudo da literatura?” Vamos levantar alguns pontos em relação a esse questionamento e tentar entender o motivo de ter demorado tanto tempo para que tal obra fosse estudada e ainda sim, o porquê da demora em ainda hoje não estar entre as obras de maiores influências na sociedade.

2.2. Literatura: cânone e formação da sociedade

Falar sobre a formação da sociedade e não falar sobre literatura é praticamente impossível, como se pode notar com a fala de Sílvio Romero em sua obra “*História da Literatura Brasileira*”:

Empreendendo, declaro-o de princípio, a história literária nacional com uma ideia ministrada por estudos anteriores. Pode ser um mal; mas é necessário; são precisos tentamens destes para explicar o espetáculo da vida brasileira. A história do Brasil, como deve hoje ser compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, como quis de passagem supor o romanticismo, a história dos Tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo Mundo. É antes a história da formação de um tipo novo pela ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias. Os operários deste fato inicial têm sido: o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira. Tudo quanto há contribuído para a diferenciação nacional deve ser estudado, e a medida do mérito dos escritores é este critério novo. (ROMERO, 1960, p.2)

Quando falamos de formação, supõe-se que tudo aquilo que passa por nós, de uma forma ou de outra, irá influir para esta sociedade, mas então por que temos tantas obras e escritores que representam a sociedade de alguma forma que não estão inseridos no cânone dessa formação? Essa é uma questão que por muito tempo permeia o campo literário, a questão da exclusão de obras imprescindíveis para a literatura, que é o caso das obras de Maria Firmina dos Reis.

Na busca de uma literatura dita como brasileira, escritores tentaram a todo custo escreverem algo que falasse sobre o Brasil, mas não acertaram tanto nessa tentativa, como afirma Cândido:

A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas... os que se nutrem apenas delas são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e a falta de senso de proporções. Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao desinteresse e até menoscabo das nossas. (CANDIDO, 1918, p. 9)

Querendo fazer algo típico foi esquecido que era preciso conhecer o país e em como isso influenciaria na formação da literatura e da sociedade, como nos mostra o Professor Doutor Hermenegildo Bastos em seu artigo “*Formação e Representação*”:

[...] como pensar as formas de representação numa literatura como a nossa, erguida sobre o terreno do confronto entre a imitação deslocada das literaturas matrizes (que eram, essas sim, representações de suas histórias sociais) e a matéria local que teimava em escapar ao modelo de representação transplantado; numa literatura como a nossa, dedicada muito mais, ao menos até certo momento, até antes do sistema literário consolidado, a imitar os modelos estrangeiros e que, assim, se furtava a conhecer o país? (BASTOS, 2006)

Em um país como o Brasil, em que a política sempre influenciou de forma direta nas artes, temos uma tríade que exemplifica muito tudo que foi dito, a tríade seria “representação/literatura/poder”, como o escritor tem poder de representação e esse poder se limita a poucos e em como que a política interfere nesse processo de criação. Não se pode dizer que de fato houve uma representação daquilo que se tinha, e sim um processo de criação de uma natureza. A natureza retratada pelos escritores não era a verdadeira natureza brasileira, assim como a criação dos “heróis” brasileiros, os índios. Mesmo com o intuito de criar uma literatura brasileira, o processo dessa criação fugia a realidade. O índio, muito retratado em obras do Romantismo, não era o índio real encontrado nas matas brasileiras, ele era um índio politizado, educado e com suas crenças mostradas de forma deturpada, em que muitos até deixavam suas crenças de lado para seguir a dos homens brancos, como foi o caso de Iracema que deixou sua tribo para ir atrás de Martim. Não era comum se falar de rituais de canibalismo, para que as pessoas não se chocassem com tais hábitos, o índio selvagem em sua totalidade perdeu suas principais características. Ele se tornou em um índio que podia facilmente ser comparado a um herói branco, um europeu. Assim também podemos concluir que a representação também é algo político, como diz BASTOS:

Assim, pode-se captar tanto a ideia da natureza “construída” de qualquer representação da realidade quanto a ideia de que não existe uma coisa como a representação (no sentido único e unitário) da “realidade”, cuja “natureza”

vai na verdade sendo gradualmente descrita de forma completa por sucessivos esforços por parte de escritores que trabalham dentro de uma tradição de “representações apresentadas” para idear modos de capturar na expressão escrita a multiplicidade e as mudanças características da “realidade” social. (BASTOS, 2006).

A representação é também representação política [...] a representação política envolvida em toda representação literária se faz de duas maneiras: Iª) na prática literária como ela é exercida na vida social, nas instituições etc; IIª) na relação entre os personagens, ou entre esses e o narrador (e o escritor); portanto, na representação política internalizada na obra. [...] Em outras palavras: a prática literária é, por si mesma, uma arena de luta política, mas essa luta depende da eficácia estética. (BASTOS, 2006).

Maria Firmina dos Reis teve seu primeiro romance, “*Úrsula*”, publicado no ano de 1859, em pleno período romântico no Brasil, período esse que buscava uma literatura propriamente brasileira, que falasse do Brasil e de seu povo, mas estando ainda presa ao estilo de escrita europeu e ao molde do herói europeu. Porém, a presença do negro nas obras, reforçava o caráter estereotipado do negro na época do século XIX, mostrava apenas o lado do senhor de engenho. É no período Romântico que o negro começa a escrever e denunciar questões pertinentes à população brasileira, com autores como Maria Firmina, mulher a escrever uma das primeiras obras abolicionistas do Brasil, e Castro Alves, um dos mais conhecidos escritores da poesia de cunho social, com exemplo seu poema “Navio Negroiro”.

“*Úrsula*” está inserido num contexto em que a prosa era escrita exclusivamente por homens “brancos”, e mesmo que eles retratassem os temas acima explanados, ainda sim era de uma forma distante, de temas voltados para a proposta nacionalista romântica. Isso se deve ao fato de que a maioria das mulheres, até meados do século XIX, eram criadas para serviços de casa, tinham de cuidar dos filhos e maridos, elas não tinham voz, não podiam expressar seus pensamentos, eram privadas da educação básica e literal, mal podendo sair de casa, e quando saíam, era sempre acompanhadas de seus escravos, esses que também não tinham nenhum tipo de liberdade e instrução.

Partia-se do princípio de que a mulher e o negro eram intelectualmente inferiores ao homem “branco”, por isso não devia ser levada em conta sua forma de escrever, fazendo assim com que obras escritas por mulheres e negros fossem totalmente desconsideradas. Quando as mulheres começaram de fato a escrever, houve a ruptura do sistema, porém, ainda não era uma obra para ser vista, não era uma obra que podia ter notoriedade na sociedade da época.

Quando retomamos a tríade literatura/formação/sociedade, busca-se pensar como de fato uma sociedade pode ser representada sem falar de todos os seus representados, não podemos dizer que essa é uma literatura de representação, isso é um

fato muito recorrente, pois a literatura sendo também uma questão política, reflete que a sociedade desde sempre foi comandada pela classe que obtinha poder, como afirma Romero (1960):

O meio social não é estimulante; o abandono nos comprime; a vida brasileira é dura e prosaica. Reina aí a monotonia e a submissão, ou esta seja dos agregados aos fazendeiros; dos votantes aos chamados chefes de partido; dos deputados aos ministros; dos ministros ao chefe do Estado; do chefe do Estado aos governos estrangeiros; ou seja do comércio nacional aos capitalistas ingleses; dos lavradores ao comércio; do povo aos políticos e dos políticos às conveniências; ou seja de certos jornalistas aos governos; dos literatos aos maus livros franceses, sempre e sempre é a submissão... Ousados ímpetos, tumultuosos arrancos de juvenilidade e força raras vezes têm saído do seio do povo brasileiro, na esfera política e na literária. Poucos se me deparam no curso de nossa história. O fenômeno é explicável: povo educado, como um rebanho mole e automático, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-mores e pelos padres da Companhia; povo flagelado por todas as extorsões, – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original (ROMERO, 1960, p. 38).

Ou seja, Romero fala que nunca fomos uma nação que representa todos, fica claro com sua escrita que o Brasil sempre foi e continua sendo um país onde apenas quem tem poder e faz parte da classe dominante tem poder, um país, onde a maioria de sua população é conhecida como minoria, não representa todos, apenas uma parte. Exclui o que considera diferente e inferior, não tem uma representação, temos mais uma vez uma criação que tira parte importante.

Com a publicação de “*Úrsula*”, Maria Firmina torna-se a primeira mulher negra a escrever um romance abolicionista, usando o pseudônimo “Uma Maranhense”, pois ia contra a maneira como a sociedade era composta, tendo a mulher como menos capaz intelectualmente.

2.3. *Úrsula* e a escravidão

Pode-se dizer que a presença do negro no Brasil confunde-se com a própria história do Brasil no que diz respeito à escravidão. É notória que a escravidão já existia entre as tribos africanas, quando em período de guerra, a tribo que perdia era feita de escrava pela outra, porém, a presença do homem branco levou essa questão de escravidão para um nível bem maior, misturando com negócios, tornando uma prática de empreendimento que dava bastante lucro, os negros começaram a serem tratados como mercadorias.

Ao longo de vários séculos, milhões de escravos foram trazidos ao Brasil, vindos de Angola, Moçambique e Guiné, fazendo assim com o que o tráfico de escravos se tornasse o maior empreendimento financeiro. Durante essas viagens de navio,

muitos morriam no meio do caminho, devido às péssimas condições a que eram submetidos, fato que é relatado no romance por Maria Firmina:

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!...Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte (REIS, 2018, p. 69-70).

Essa era a realidade do escravo, trabalhavam horas a fio, sem um descanso, sem uma pausa, comportamento esse que é muito bem retratado na obra de Maria Firmina. Tendo o Brasil como um dos últimos países a abolirem a escravidão, muitos escravos foram jogados nas ruas, sem emprego, sem casa, sem teto, continuaram na posição de marginalização, mesmo sendo livres, ninguém queria contratar negros para os serviços. E é isso que era demonstrado nas obras, esse lado mais estereotipado. E nesse contexto que Maria Firmina vem trazer a visão do escravo sobre a escravidão, trazendo da forma mais humana relatos de uma triste realidade.

Maria Firmina não se calou diante dos problemas que haviam no caminho, muito pelo contrário, diante de todos os horrores os quais presenciou durante sua vida, e apesar de não ser um tema comum a uma mulher, ela não se cala e expõe tudo da forma mais natural e íntima que conseguiu. Possui em sua escrita a estrutura dos romances cânones, mas não falando de temas que eram apresentados, por isso a primeira vista se tem tudo que os romances possuem: o cavaleiro branco, a donzela que precisava ser salva de seu terrível destino, uma paixão avassaladora, um vilão e vários outros problemas encontrados para que o amor entre o casal fosse concretizado.

Porém, ao falar sobre os temas que agradam ao público, Firmina mostra em sua obra, de maneira sutil todas as atrocidades às quais as mulheres e os escravos eram

submetidos. Com esse jogo de palavras e cenários, a autora consegue denunciar, ela enfrenta e representa a realidade da época, coisa que era incomum do cânone.

Tem-se então de maneira geral as demonstrações dos horrores da escravidão e de como os escravos se sentiam perante tal situação e, principalmente, como a autora consegue mostrar que as mulheres e os escravos eram silenciados a todo o momento, sempre precisando que alguém os salve, como é o que acontece com Túlio e Úrsula, onde o escravo recebe o dinheiro de sua “liberdade” e a donzela seria salva de seu triste destino com seu casamento com Tancredo. Nenhum dos dois era dono de seu próprio destino.

Pode-se dizer que para o negro, a escravidão era como viver no inferno, tendo sido preferido a morte, já para o homem branco, era algo corriqueiro e comum. Assim como também mostra que para a mulher, não ter voz era normal, ser silenciada era normal, que o homem, seu marido é que tinha poder de fala sobre si. É isso que Maria Firmina nos traz, de maneira perfeita, em sua obra. Traz-nos a visão de uma mulher, negra e pobre, aproximando assim da realidade de muitos da época, ela finalmente da voz aos marginalizados.

3. Úrsula e o patriarcado: influências negativas da sociedade de privilégios sociais

Pode-se dizer que o patriarcado é uma instituição social caracterizada pela dominação masculina em sociedades contemporâneas, que abrangem várias instituições, sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiares, a predominância do poder masculino sempre está presente. Kate Millett, em sua obra *“Política Sexual”* (1969), nos elucida com a ideia de que o patriarcado já está tão enraizado na sociedade, que de fato se torna quase indissociável, tornando assim muito difícil uma mudança, sobre isso, a autora escreve em sua obra o seguinte trecho:

A sociedade patriarcal está de tal forma enraizada que o tipo de estrutura que ela determina em ambos os sexos é talvez mais um hábito de espírito e um tipo de vida do que o sistema político determinado. [...] O conhecimento deste caso deve chamar-nos a atenção para o fato de que as distinções sociais e políticas não estão baseadas na riqueza ou na posição social, mas no sexo. Porque é evidente que a base da nossa civilização é o patriarcado (MILLET, 1969, p. 12).

O exercício da sociedade patriarcal vem de muito tempo, consolidou-se na Roma Antiga, como falam as autoras Martha Giudice Narvaz e Silva Helena Coller, em seu artigo denominado *“Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa”*, baseadas nas teorias de Engels (1884) e Xavier (1998), que o sistema patriarcal teve suas raízes muito bem consolidadas e funcionavam da seguinte forma:

A associação entre famílias e patriarcado remete à origem do termo *“família”*, oriundo do vocábulo latino *famulus*, que significa “escravo doméstico”. Esse novo organismo social – a família – consolidou-se enquanto instituição na Roma Antiga. A família romana era centrada no homem, sendo as mulheres, no geral, meras coadjuvantes. O patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos, os escravos e os vassalos, além do direito de vida e de morte sobre todos eles. A autoridade do *pater familiae* sobre os filhos prevalecia até mesmo sobre a autoridade do Estado e duraria até a morte do patriarca, que poderia, inclusive, transformar seu filho em escravo e vendê-lo (COLLER, NARVAZ, 2006, p.4).

Vale ressaltar que o patriarcado não seria o poder do pai sobre a família, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto uma categoria social, sobre as mulheres. Coller e Narvaz também apresentam a forma como a organização social era regida:

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (COLLER, NARVAZ, 2006, p.4).

Partindo desses conceitos de o que vem a ser o patriarcado e como ele interfere diretamente na vida social e na organização da sociedade, podemos dizer que entender a noção de patriarcado é essencial para entender a opressão sentida pelas mulheres durante a história. Por mais que o termo possa ser utilizado em várias esferas do cotidiano, é normal atrelar seu significado a uma instituição dominada por homens que mantem as mulheres à margem da sociedade e submissas ao seu poderio em todas as esferas da vida.

Quando fala-se em patriarcado e sociedade patriarcal, logo pensamos na palavra machismo, mas cabe ressaltar que tais denominações não significam a mesma coisa, porém, uma oriunda do significado da outra. O machismo tem como definição, segundo o dicionário digital Aulete:

(**ma. chis. mo**)

sm.

1. Opinião ou procedimento discriminatórios que negam à mulher as mesmas condições sociais e direitos do homem.

2. Bras. Pop. Qualidade, atitude ou modos de macho , ; macheza.

3. Valentia exagerada e ostentatória.

[F.: *macho* - + -ismo]

Logo, podemos dizer que o machismo é um comportamento expresso por opiniões e atitudes de um indivíduo que se recusa a ter uma igualdade de direitos e deveres entre os gênero, favorecendo assim o masculino sobre o feminino. Nesse cenário machista, a mulher se vê em estado de submissão ao homem, perdendo seu direito. Levando em conta tal pensamento, a cultura do machismo tem suas raízes culturais ligadas ao regime patriarcal que vigora há séculos.

Tendo em vista todos os conceitos apresentados acima, podemos ter provas de como o regime patriarcal e o machismo estavam presentes no século XIX, tomando como principal fonte de dados para realização deste trabalho o romance *Úrsula*. Como dito anteriormente, Maria Firmina dos Reis veio para quebrar paradigmas e denunciar as mazelas causadas tanto pelo regime patriarcal do Brasil quanto pelo o regime escravocrata. Se imaginarmos que atualmente o regime patriarcal ainda toma conta da sociedade, imagine pensar como foi para uma mulher, negra, publicar um romance no século XIX, em que quase todas as mulheres não tinham sequer acesso ao estudo das letras. Não havia também quase nenhuma contribuição das mulheres na escrita, fato esse que se deve pela visão patriarcal da época, como Melissa Rosa Teixeira Mendes escreve em sua dissertação “*As mulheres em Úrsula: uma análise histórica de gênero do romance de Maria Firmina dos Reis*”, publicada no ano de 2013:

Devemos recordar que. Se nessa época houve pouco ou quase nenhuma contribuição das mulheres com a escrita, isso se deve ao fato de que, na primeira metade do século XIX, o Maranhão vivia sob a égide do patriarcalismo. Sustentando a visão patriarcal estavam os dogmas religiosos da Igreja Católica [...] Esses dois pontos convergiam para representar a mulher como uma figura subalterna e dependente do homem. Motivos esses que faziam que as mulheres desse período tivessem quase nenhum acesso à educação e, conseqüentemente, ao campo literário. (MENDES, 2013, p. 60).

Como a mulher nessa época do século XIX tinha em seu destino o aprendizado de afazeres domésticos, logo, não aprendia nenhum ofício que se distinguisse de trabalhos provados ao lar, entretanto Maria Firmina fugiu mais uma vez dos estereótipos fortemente presentes naquele período quando se tornou professora e adentrou em um âmbito totalmente masculino, o da escrita, trazendo em sua obra toda a problemática da mulher e o do negro num lugar de inferioridade na sociedade patriarcal e escravocrata.

Tal sistema era tão enraizado que a própria Maria Firmina dos Reis mostra em sua obra como a incorporação e a neutralização do patriarcado era presente, e em como ela toma pra si essa visão do dominador:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2018, p. 12).

Por isso, faz-se necessária a análise de suas personagens femininas, as situações a que eram expostas e as diversas personalidades que adotavam, para que se possa entender como as mulheres desde os mais remotos tempos eram inferiorizadas. No próximo item passo a investigar e caracterizar as personagens femininas da obra, para que dessa forma possamos identificar as problemáticas encontradas em “*Úrsula*”.

2.1. As mulheres em *Úrsula*, um retrato fiel a sociedade do século XIX

A obra de Maria Firmina dos Reis conta com a presença de cinco personagens femininas, cujas quais possuem personalidades e atitudes diferentes, mas todas vivem a mercê da sociedade patriarcal e das vontades dos homens que as cercam. As personagens são: *Úrsula*, protagonista que dá nome a obra, sendo responsável pela ação e desfecho da obra; *Luísa B.*, mãe de *Úrsula*, que se mostra de extrema importância nas atitudes de *Úrsula*; *Susana*, uma escrava negra que vem para mostrar como a sociedade patriarcal pode ser ainda pior com uma mulher negra e como um regime escravagista é cruel com os escravos; *Adelaide*, primeira mulher que *Tancredo*, par romântico de *Úrsula*, amou, que mostra o retrato de como uma mulher pode usar de todos os meios para conseguir o que quer; e por fim, e não menos importante, temos a mãe de

Tancredo, que não possui nome na obra, mas mostra como o homem da época tinha poder sobre sua esposa, mostrando uma das piores facetas do patriarcado e do machismo.

Buscar-se-á fazer uma análise fiel das personagens e das situações as que eram submetidas ao longo do livro, mostrando que até mesmo as que tinham mais autonomia ainda sim estavam sob as garras do regime patriarcal.

2.1.1. Úrsula

Personagem principal, Úrsula seria a personificação de como a mulher deveria ser, a partir de sua descrição, as outras personagens têm suas personalidades e comportamentos moldados. Maria Firmina apresenta Úrsula como tipicamente uma heroína romântica, tanto fisicamente quanto mentalmente, e a forma como cuidava de sua mãe e de como cuidou de Tancredo, mostra seu lado maternal de cuidado, característica essa de uma mulher tida como “perfeita”. Aqui oberava-se esse fato:

E assim permaneceram, ela a recobrar coragem para escapar a esse desconhecido que a incomodava; ele a contemplar-lhe as negras tranças molemente reclinadas sobre uns ombros de marfim, as mãos diáfanas e mimosas, que lhe velavam o rosto, que divisava ser belo como o rosto angélico de um querubim” (REIS, 2018, p.75)

[...]Úrsula, a mimosa filha de Luísa B., a flor daquelas solidões, não adormecera um instante. É que agora esse anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diurnos cuidados que dava a sua mãe enferma; e assim, duplicadas as suas ocupações, sentia fugir-lhe nessa noite o sono. [...]Era ela tão caridosa... Tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos, e melancólicos. [...] Nenhuma exageração havia nesse piedoso desempenho; porque Úrsula era ingênua e singela em todas as suas ações. (REIS, 2018, p. 24).

Ou seja, temos em Úrsula o ideal de mulher do século XIX, tinha tudo aquilo que a mulher deveria ter e ser: pura, virtuosa, bondosa, caridosa, honesta, delicada, simples, virginal, obediente; todos os pré-requisitos de uma boa mulher e esposa. Ela não possui defeitos e aceita com resignação os acontecimentos de sua vida. A autora espera que o leitor veja o quão pura e livre de interesses Úrsula é, ainda mais quando mostra todo o cuidado que ela tem com Tancredo e sua mãe.

Úrsula cuida do homem sem ao menos saber quem ele é, apenas deixa aflorar seu instinto de cuidado. Tais cuidados desinteressados e honestos mexem com o coração de Tancredo, que após uma grande desilusão amorosa, não acredita que possa existir um anjo com um coração tão puro quanto a moça levando-o assim a se apaixonar por ela, como lemos no trecho:

E as noites que sucederam a esta eram ainda povoadas de sustos e ansiedade: o mancebo continuava a sofrer, e seus amigos redobravam de desvelos, e choravam sobre suas dores. O cavaleiro via-os, escutava-os, e sentia lá no fundo da alma um estranho sentir. Úrsula tornara-se para ele a imagem vaporosa e afagadora de um anjo: e o que se passava naquele coração enfermo só ele o sabia (REIS, 2018, p.28).

Úrsula vive somente com sua mãe e os escravos, fato esse que segundo Oliveira (2007), mostra o quanto até o lar em que elas moravam era uma forma de ruptura das relações patriarcais da época, sendo uma casa sem a presença masculina, que quando se faz presente, vem para perturbar a jovem donzela:

Ela vivia nessa casa, que era modesta mas agradável, somente com sua mãe, Luísa B..., formando com ela uma família bastante diversa do padrão da época, visto que não se encontrava aí um representante do sexo masculino para assumir o comando, como era usual. E, apesar de todas as mazelas que atingem a pequena família de Úrsula, sua casa é descrita como um pequeno paraíso, no qual reina felicidade, tranquilidade, pureza e livre pensar. A palavra homem, repetida insistentemente nesse trecho, principalmente para atribuir a seu referente a responsabilidade pela existência de orgulho, vaidade e preconceitos no mundo, não parece estar sendo usada no seu sentido genérico - para designar homem e mulher - parece, ao contrário, ser uma marca de gênero. Principalmente, se levarmos em conta que essa casa onde estão ausentes os “mentirosos preconceitos”, é uma casa somente de mulheres. A presença do homem branco nesse ambiente é caracterizada como algo perturbador e tem o poder de transformá-lo. Pois, depois da interferência de Tancredo e do tio de Úrsula naquele pequeno paraíso, interferência essa que vai destruir a paz que havia ali, trazendo angústia e sofrimento para o coração da jovem. (OLIVEIRA, 2007. p.74).

Tal fato mostra que apesar de todas as características de uma heroína romântica, Úrsula também viria a quebrar moldes estabelecidos da época.

A imagem que Tancredo tem de Úrsula permanece a mesma durante toda a obra, e as atitudes da protagonista também se mostram constantes e estáveis, até na hora de lutar pelo que quer, ela o faz de maneira dócil, frágil, e quando o fim trágico se faz presente, ela aceita mais uma vez seu destino, se entregando a loucura. Loucura essa que teria sido uma forma de abandono de si, diante de uma situação a qual ela não poderia mudar, que seria a forma como o destino se desenhou e lhe foi imposto. À Úrsula não foi dada uma escolha, lhe foi imposto tal fim trágico, e ela aceita. Tal fato, a própria questão da loucura deve ser vista como um dos efeitos dessa sociedade patriarcal, pois até o próprio conceito de loucura, é mostrado pelo ponto de vista de Fernando, pois Úrsula não se entrega a ele como o mesmo havia planejado ao traçar o destino da moça. É importante ressaltar que essa pureza, delicadeza e ingenuidade da personagem não devem ser vista de forma negativa, assim como afirma Mendes (2013):

Essa ingenuidade da personagem não deve aqui ser compreendida como algo negativo, apresentando-a como uma tola, imaginando-se que ela, por conta dessa característica, se tornasse uma pessoa enganável. Ao contrário, ser

ingênua no sentido da narrativa, da construção da personagem, pressupõe uma mulher sem maldades, uma moça virtuosa, que deve ser respeitada, pois possui pureza de caráter e de ações. Isso a torna a mulher perfeita: dócil e possuidora de fortes valores sociais. Essa imagem pode ser associada à forma desvelada com que Úrsula cuida do rapaz, com que fala com ele e os gestos e expressões que demonstra frente a Tancredo (MENDES, 2013, p. 94).

Esse é o ideal da mulher nas representações românticas, isso é o que era a ser seguido. Portanto, afirma-se que a personagem Úrsula, partindo desse padrão, é um exemplo de comportamento a ser seguido, a mulher ideal que é esperada das mulheres.

Porém, o jovem Tancredo não é o único a se apaixonar por Úrsula. O tio de Úrsula, o comendador Fernando P***, também cai de amores pela jovem, mas seu amor que dedica a donzela não é nada puro como o de Tancredo, pelo contrário, Fernando P***, apesar de alegar estar apaixonado, trata a jovem como propriedade, como se após a morte da mãe, ela se tornasse sua propriedade e diz que não medirá esforços para tê-la, como podemos ler no fragmento abaixo:

— Mulher! Anjo ou demônio! Tu, a filha de minha irmã! Úrsula, para que te vi eu? Mulher, para que te amei?!... Muito ódio tive ao homem que foi teu pai: ele caiu às minhas mãos, e o meu ódio não ficou satisfeito. Odiei-lhe as cinzas; sim odiei-as até hoje; mas triunfaste do meu coração; confesso-me vencido, amo-te! Humilhei-me ante uma criança, que desdenhou-me e parece detestar-me! Hás de amar-me. [...]Mulher altiva, hás de pertencer-me ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito (REIS, 2018, p.80).

É importante observar que a mulher sempre é responsabilizada por tudo, inclusive pelo fato de Fernando P*** ter se apaixonado, temos a visão dele de que tudo é culpa dela. Todos os atos ruins que ele comete, são justificados e colados como culpa de Úrsula por ter feito ele se apaixonar. Desde o momento em que se apaixonou até o momento em que ele, tragicamente, separa o casal, para ele é tudo culpa dela. Temos aqui uma forte crítica ao sistema patriarcal vigente, de que o homem sempre é desresponsabilizado por suas atitudes, fato esse que ocorre até hoje. Essa opressão sofrida pela mulher vigora na modernidade, onde a vítima, nesse caso a mulher, é responsabilizada por atos de violência. A liberdade da mulher é taxada como um problema, que pelo simples fato de fazer o que quer, se vestir como quer e agir de forma livre, dá o direito de fazerem algo a ela, sustentados pelo discurso de que “foi ela que provocou”, tirando assim, toda a responsabilidade do agressor e colocando na vítima. Através dessa narrativa de Maria Firmina, podemos observar que tal problema é antigo e, infelizmente, atual.

Desde o primeiro contato, Úrsula sente medo e repulsa do homem, pois é um olhar que transmite luxúria, sentimentos que não deveriam ser dedicados a uma alma tão angelical como a da jovem moça, ela sente-se verdadeiramente mal em sua presença. O

amor que Fernando devota a Úrsula é o responsável por toda a tragédia da obra e pelo final trágico do casal.

Fernando tem ao seu lado o poder do patriarcado e usa isso ao seu favor, ele é um homem de posses, rico. Já Tancredo representa a mudança, o homem que foge dos conceitos patriarcais, e mesmo a obra sendo de uma ruptura visível a esses comportamentos, o final do casal apaixonado é trágico e não foge a regra, pois após fugir com seu amado, Úrsula tem o destino de ver o jovem morrer em seus braços, vítima de uma facada desferida por Fernando P***:

Luta desesperada travou-se entre ambos. Os asseclas do comendador agarraram Tancredo pelas costas, e o covarde comendador embebeu-lhe no peito o punhal que trazia na mão. E o infeliz Tancredo, no último transe de sua íntima agonia, estendeu os braços e exclamou com delírio amoroso: — Úrsula! Minha Úrsula! Então a donzela despertou de seu dorido letargo, abriu os olhos, e num excesso de amor apaixonado, e de uma dor íntima, lançou-se sobre seu desditoso esposo, e unindo-o ao coração recebeu-lhe o derradeiro suspiro. Um mar de sangue tingiu-lhe as mãos e os puros seios! Tinha os olhos fixos e pasmados sobre o doloroso espetáculo, e entretanto parecia nada ver; estava absorta em sua dor suprema, muda, e impassível em presença de tão monstruosa desgraça!... O seu sofrimento era horrível, e profundo, e o que se passava de amargo e pungente naquela alma cândida e meiga foi bastante para perturbar-lhe a razão (REIS, 2018, p.127).

O fim da jovem não foge da desgraça instaurada nesse amor, tomada pela morte de Fernando, Úrsula fica louca, uma reação da violência sofrida e morre de tristeza, esperando e sonhando ainda com seu amado.

A infeliz enlouqueceu de dor, e a sua loucura mirrou-vos a esperança do seu amor![...] Ambos caíram prostrados aos pés da infeliz louca, que entregava a alma ao Criador.O sacerdote murmurava com melancólico acento o salmo dos defuntos; mas o comendador o não compreendia; porque Úrsula morria, e ele tinha sido a causa. A dor e o remorso tiraram-lhe os sentidos, e caiu por terra. [...]E ela, nesse transe supremo, cruzou as mãos sobre o peito, apertando nesse estreito abraço a florzinha seca de sua capela, murmurou — Tancredo! —E com os lábios entreabertos, e onde adejava um sorriso divinal, e como um anjo deu o último suspiro (REIS, 2018, p.134).

Até em seu fim, Úrsula manteve sua linearidade e pureza de um anjo. Logo, podemos considerar que inúmeras representações das mulheres da época estavam presentes em Úrsula e não apenas as representação das mulheres, mas também todas as instâncias sociais da época por meio das relação que a moça tem, mostrando um fim inevitável para quem tentará fugir de seu destino.

3.1.2. Adelaide

Adelaide foi a primeira mulher por quem Tancredo nutriu amor. Filha da prima de sua mãe, a moça ficou órfã de pai e mãe e foi morar com a tia e sua família. Quando

Tancredo voltou de São Paulo, onde estudava, teve seu primeiro encontro com Adelaide e narra que de imediato lhe devotou amor:

No primeiro transporte de alegria, enquanto minha mãe chorava de satisfação, ela com os olhos fitos em um bordado, que tinha entre as mãos, parecia distraída; e eu revia-me na sua beleza tão pura como a estrela da manhã. Oh! Minha doce Úrsula, eu amei a essa encantadora donzela, e o meu amor foi puro, arrebatador; mas ela não o compreendeu (REIS, 2018, p.39).

Temos em Adelaide o completo oposto de Úrsula, se a jovem protagonista era o exemplo do que uma mulher deveria ser, Adelaide por sua vez era o que uma mulher não deveria ser. Começando pelo fato de que era órfã, como afirma Mendes (2013), já não era bem visto na sociedade, pois vinha de um lar desestruturado, principalmente pela falta da figura masculina: “Ela ficou sem sua própria família, sem um pai para coibir possíveis desvios comportamentais esperados das mulheres e mesmo sem uma mãe que lhe servisse como exemplo da conduta correta desejada para as mulheres”. (MENDES, 2013, p.112), quando consideramos os valores patriarcais da época.

Ao contrário da impressão que teve ao ver Úrsula, Tancredo vê Adelaide como “uma mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem desde a primeira vista.” (REIS, 2018, p.39). Não temos aqui a figura angelical e pura desde o começo, pelo contrário, Adelaide se mostra uma mulher que se distancia do ideal de mulher criado por Úrsula. Todas as impressões que o leitor tem da jovem, são lembranças que Tancredo narra. Mesmo sendo uma mulher sedutora, para o jovem, sua beleza, à primeira impressão, é uma beleza pura que se aproxima num primeiro momento às representações femininas.

O desejo de Tancredo é casar-se logo com Adelaide, para que possam ser felizes, mas quando se declara para a jovem, a mesma diz que o pai de Tancredo não irá nunca aceitar a união dos dois, pois eram de classes diferentes, e é o que de fato acontece, o pai do jovem se mostra totalmente contrário ao casamento. Porém, como dito anteriormente, Tancredo seria o novo, a ruptura de certos valores, mas mesmo sendo esse novo ideal, a seu ver, ele não pode casar-se com Adelaide sem o consentimento dos pais. Mesmo que Tancredo possua uma postura totalmente contrária a de Fernando de P***, seu amor por ela não tem nenhuma base, pois ambos nunca trocaram uma palavra sequer, todo esse amor é baseado na aparência e no julgamento que Tancredo fez dela, o que pode se equiparar ao amor que Fernando P*** nutriu por Úrsula.

Temos atitudes diferentes, de Tancredo e Fernando, porém, a motivação é a mesma. Como é possível se apaixonar e querer casar com uma pessoa sem nem ao

menos conhecê-la? Sendo assim, esse amor que dizem sentir não possui base nenhuma, totalmente idealizado.

O consentimento da mãe para casar com Adelaide ele consegue fácil, e quando vai enfrentar seu pai, o mesmo lhe faz a proposta que mudará todo o percurso da história, proposta essa que fará o leitor conhecer a verdadeira faceta de Adelaide:

— Tancredo, tens o meu consentimento. Adelaide será tua esposa, mas hás de permitir que te imponha uma condição. [...]— Tancredo, és o desposado de Adelaide. — disse-me. — Doravante esse tesouro, que hás amado, será por mim vigiado como a mais preciosa esperança da tua suprema ventura; Adelaide, porém, é ainda uma criança, e a experiência de uma já longa existência obriga-me a impor-te a condição de esperar por essa união um ano (REIS, 2018, p.47).

Após a partida de Tancredo para um cargo público, motivo esse de seu afastamento de Adelaide por um ano, temos um capítulo intitulado Adelaide, é nesse capítulo que enfim o leitor tomará ciência da verdadeira personalidade da jovem. A imagem de uma jovem dócil e amável dá lugar a uma mulher interesseira, segundo o próprio Tancredo.

Nesse capítulo, Tancredo recebe uma carta de sua mãe, que a esse ponto já estava adoecida, e recebe também cartas de seu pai e amigos, porém estranha o fato de Adelaide ter parado de lhe escrever e após descobrir o falecimento de sua mãe, volta para a casa de seu pai e é lá que toma conhecimento da nova face de Adelaide. Ele descobre que durante sua ausência, Adelaide traiu a confiança do pobre jovem e casou-se com seu pai assim que sua mãe falecera. A Adelaide que é apresentada, é uma mulher altiva, segura e que ostentava em si os luxos da mudança de classe que o casamento lhe propiciou. Neste momento ela se mostra ainda mais distante do ideal traçado por Úrsula, segundo Mendes (2013), tudo em si torna-se exterior:

Tudo nela é exterior, não se conta nada sobre sua alma. Desde o lugar onde está, passando por seus gestos e chegando às suas vestes e acessórios, tudo em Adelaide é material, físico, pressupondo uma ideia de ganância e luxúria. Tanta era sua beleza física, seu esplendor na riqueza, que Tancredo, por um momento, a cobiçou, sendo capaz de esquecer a dor da perda de sua amada mãe. Nesse momento, Adelaide parece representar, personificar em si mesma, a cobiça (MENDES, 2013, p. 116).

Se de um lado temos Úrsula, o ideal de mulher, a personificação de um anjo, do outro agora tem-se Adelaide, aquela que mostra tudo o que a mulher não deveria ser, aquela que passa a ser a representação do pecado, da cobiça, o modelo de toda a mulher que não seguia o caminho esperado para sua posição de gênero. Tancredo a descreve como o verdadeiro diabo e o futuro que a aguarda é o inferno: “Monstro, demônio, mulher fementida, restitui-me minha pobre mãe, essa que também foi tua mãe, que

agasalhou no seio a áspide que havia mordê-la! Oh! Dívida é esta que jamais poderás pagar; mas a Deus, ao inferno, a pagarás sem dúvida” (REIS, 2018, p. 55).

Em momento algum, após o reencontro e a descoberta da traição, Adelaide mostra algum remorso, pelo contrário, agora era ela quem mandava naquela casa, tudo ali lhe pertencia, e que agora ela tinha a figura masculina que havia lhe faltado na vida. Então após Tancredo descobrir a verdadeira natureza de Adelaide, uma traidora, mentirosa e que se deixou levar pela cobiça, passa a amaldiçoá-la, toma-a como não merecedora de nada, nem amor ou nenhum outro sentimento:

— Mulher odiosa! Eu vos amaldiçoo. Por cada um dos transportes de ternura, que outrora meu coração vos deu, tende um pungir agudo de profunda dor; e a dor, que me dilacera agora a alma, seja a partilha vossa na hora derradeira. Por cada uma só das lágrimas de minha mãe choreis um pranto amargo; mas árido como um campo pedregoso, doído como a desesperação de um amor traído. E nem uma mão que vos enxugue o pranto, e nem uma voz meiga que vos suavize a dor de todos os momentos. O fel de um profundo, mas irremediável remorso, vos envenene o futuro e o desejado prazer, e no meio da opulência e do luxo, firam-vos sem tréguas os insultos de impiedosa sorte. Arfe o vosso peito, e estale por magoados suspiros, e ninguém os escute; e sobre esse sofrimento terrível cuspa os homens e riam-se de vós (REIS, 2018, p. 57).

O final de Adelaide também é um contraponto ao de Úrsula e de todas as mulheres da obra, pois todas que tinham o comportamento adequado a uma mulher morreram, mas ela foi diferente, após tudo o que havia feito, seu destino era sofrer em terra e pagar por suas atitudes. Para uma mulher como ela, a morte não era um fim digno, pois a mesma havia ido contra o maior e mais sagrado sentimento que era o amor, então sua punição é continuar viva e sozinha para sempre:

Nesse dia chorava Adelaide suas primeiras lágrimas de dor, porque a opulência, e o fausto não bastavam para lhas estancar. Seu primeiro esposo era já morto, envenenado por acerbos desgostos. Ela ludibriara o decrepito velho, que a roubara ao filho; e ele, em seus momentos de crime, impotente, amaldiçoava a hora em que a amara. Ela depois também chorou, e chorou muito; porque as dores que o céu lhe enviou foram bem graves. Casou segunda vez, e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante beleza, a arrastou de aflição até o desespero. E o remorso, que lhe pungia na alma, aumentava a grandeza das suas mágoas, porque a imagem daquela mulher, que tanto a amara, e cujos dias ela torturou sem piedade até despenhá-la no sepulcro, se lhe erguia melancólica na hora do repouso, e a amaldiçoava (REIS, 2018x, p.139).

Adelaide não teve um momento de felicidade em sua vida, esse era o preço a se pagar, ela demora a morrer, pois a morte seria redentora e libertadora, e esse não era o fim que uma mulher que fugia dos padrões merecia, sofre até seu último momento.

3.1.3. Mãe Susana

Quem apresenta Susana ao leitor é a própria narradora, que mostra Susana como uma mulher boa e compassiva, que foi como mãe de Túlio quando o mesmo perderá a sua:

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que... Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs (REIS, 2018, p.67).

Através dessa personagem é que o leitor começa a ver, pela primeira vez, a posição do negro sobre a escravidão, algo que não era normal para época. Susana traz em seus relatos a história da mulher negra que foi retirada de seu lar, de sua família para ser levada a um continente onde seria para sempre uma escrava. Ela conta com muita dor todo o sofrimento de quando foi tirada de seu país, em um relato muito sensível, ela nos mostra toda a dor sofrida:

— Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p.70).

É por Susana também que temos o mais sensível relato de toda a narrativa, quando fala que ela e seus companheiros nas viagens eram tratados como mercadorias e que muitos não aguentavam e não sobreviviam:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de

alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte (REIS, 2018, p.71).

Susana representa em apenas uma personagem tudo aquilo que era inferiorizado na sociedade do século XIX. Susana era mulher, negra e mãe, submissa ao sistema patriarcal, como mostra Mendes (2013):

A personagem negra Susana possui três características: ela é mulher, e nessa condição possui uma personalidade sensível; ela é mãe, tanto da filha que foi obrigada a deixar em África e da qual sente saudades, quanto de Túlio e, por fim, ela é escravizada, por isso não pode ser completamente livre em uma terra que não sente ser a sua. Sendo mulher e escravizada, Susana é duas vezes submissa (MENDES, 2013, p.129).

Apesar de ser submissa por ser mulher, o ponto mais alto da análise dessa personagem é por ser escrava. Pois como dito anteriormente, ela dá voz aos escravizados, Maria Firmina mostra de forma mais sensível o que acontecia e aproveita para quebrar o modelo de que o negro escravo era o selvagem e bárbaro e o homem branco era o civilizado. Se pararmos pra analisar Susana e Fernando P***, ele é que possui o comportamento de um animal irracional e Susana sempre se mostra gentil e compassiva. Fernando sempre teve tudo, é homem, branco, tem dinheiro, possui escravos, nunca passou por situações que precisasse de algo que não tivera, e quando é posto de frente com tal situação, torna-se um verdadeiro animal. Já Susana tem todos os motivos para ser uma pessoa amargurada e ressentida, pois sua vida é repleta de perdas e dor, foi tirada de sua família e levada em condições sub-humanas, dentro de um navio repleto de homens e mulheres, que passaram por todas as situações degradantes possíveis, mesmo com toda essa dor, Susana preserva sua essência gentil e compassiva. Por isso pode-se afirmar que o verdadeiro bárbaro não era o escravo negro, e sim o patrão branco.

Pode-se analisar Susana como a voz de todos aqueles que foram calados durante os anos, a ela foi dado a chance de sensibilizar as pessoas, de poder contar sua história, e não só a sua, Susana representa toda uma classe marginalizada, pois em um momento de coragem e para salvar Úrsula, Susana se recusa a ajudar o comendador falando que Úrsula havia fugido, ela prefere a morte a entregar a menina que tanto tinha carinho para um homem cruel. Mais uma vez temos uma quebra de paradigmas, pois a escrava se recusa seguir as ordens de Fernando. Susana, segundo Mendes (2013), pode ser considerada a voz da própria Maria Firmina, que clamava por liberdade: “Susana é defensora da justiça, da honra, da verdade. Ela é a voz da escritora, que clamava por igualdade, que via negros e brancos como irmãos, pois esta seria a verdadeira interpretação bíblica” (MENDES, 2013, p. 130).

Susana é nobre, pura e boa de coração, independente de ser negra, ainda estava no molde de como a mulher tinha de ser na época. Porém, seu destino não foge dos

padrões, pois após desobedecer Fernando, morre por suas mãos, e nem tenta fugir, pois em sua alma aceita seu final porque não havia feito nada de errado e fugir era apenas para quem fazia algo de errado. A morte então seria sua redenção, seria enfim a libertação que ela tanto merecia:

A morte aparece na narrativa firminiana como a libertação plena, como sinônimo de redenção, de salvação, de desligamento de uma vida mundana, imperfeita, limitada, castradora e cheia de desigualdades. Por esse motivo, as personagens corretas, tanto as mulheres, como a mãe de Tancredo, Luísa B..., mãe Susana e a própria Úrsula, têm como final a morte. Além dos personagens homens, Tancredo e Túlio. Todos bons, todos *mocinhos* (MENDES, 2013, p. 132).

3.1.4. Luísa B.

Luísa B. é a mãe de Úrsula que vive acamada devido a uma doença que a deixou paraplégica e quem cuida dela é sua filha. É uma mulher de boa índole, boa de coração, porém é uma mulher que muito sofreu na vida devido as ações de dois homens, seu irmão, Fernando P***, e seu marido, Paulo B. No começo de sua narrativa, Luísa fala que já fora muito bonita e feliz quando morava com seus pais. Nessa época seu irmão lhe amava muito, porém tudo mudou quando ela conheceu Paulo B., pai de Úrsula e se apaixonou, mas seu irmão o julgava inferior e via com maus olhos a relação:

— Sim, senhor – tornou-lhe a mãe de Úrsula, – e um desvelado irmão foi ele. Conheci-lo talvez pela sua reputação de fereza de ânimo; mas esse homem tão implacável como o vedes, era um terno e carinhoso irmão. Amou-me na infância com tanto extremo e carinho que o enobreciam aos olhos de meus pais, que o adoravam, e depois que ambos caíram no sepulcro, ele continuou sua fraternal ternura para comigo. Mais tarde, um amor irresistível levou-me a desposar um homem, que meu irmão no seu orgulho julgou inferior a nós pelo nascimento e pela fortuna. Chamava-se Paulo B. (REIS, 2018, p.62).

Devido a esse amor, Luísa começou seu sofrimento, pois Fernando, expressivo representante do patriarcalismo e de uma sociedade preconceituosa, não aceitou suas escolhas, mas mesmo contra as ideias do irmão, Luísa se casou com Paulo achando que seria feliz. Porém enganou-se, o pai de Úrsula não a respeitava e nem o matrimônio, como conta Luísa em sua narrativa:

— Ah! Senhor! – continuou a infeliz mulher – Este desgraçado consórcio, que atraiu tão vivamente sobre os dois esposos a cólera de um irmão ofendido, fez toda a desgraça da minha vida. Paulo B. não soube compreender a grandeza de meu amor, acumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões (REIS, 2018, p. 62).

Ou seja, Luísa sempre estivera à mercê das vontades e loucuras de figuras masculinas. Mas apesar de muito ter sofrido e sido enganada, a pobre mulher nunca deixará de cumprir com seu papel de esposa. Continuou sendo o exemplo de esposa a ser seguido,

jamais abandonou seu marido, manteve-se até o último momento fiel, honesta e submissa. E mesmo após a morte de seu marido, que fora assassinado a mando de seu irmão, fato esse que a mulher só toma conhecimento anos mais tarde, ela nunca deixa de amparar sua filha. Nem mesmo a doença fora capaz de fazer com que a Luísa se dedicasse a filha.

— Há doze anos – começou Luísa B. suspirando aquele suspiro que vem do fundo da alma, não para comover a outrem, e captar a sua atenção, ou a sua bondade; mas aquele suspiro que é o momentâneo, mas triste alívio de um sofrimento apurado e baldado de toda esperança. – Há doze anos que arrasto a custo esta penosa existência. Deus conhece o sacrifício, que hei feito para conservá-la. Parece-vos isto incompreensível? – interrogou ela ao mancebo, que atento a escutava. – Sou mãe, senhor! Vede minha pobre filha! É um anjo de doçura e de bondade, e abandoná-la, e deixá-la só sobre este mundo, que ela mal conhece, é a maior dor de quantas dores hei provado na vida (REIS, 2018, p.61).

Mesmo com tantos problemas, Luísa mostra que o sentimento maternal devia vir acima de tudo, abria-se mão da própria felicidade para o bem dos filhos, e é isso que essa personagem nos traz, esse sentimento de abnegação, algo que deveria ser característica de toda mulher daquela época e se fugisse a regra era tida como anormal.

Como dito anteriormente, sendo Luísa uma personagem boa e pura, legítima mulher do século XIX, seu fim não foge ao dos personagens bonzinhos da obra de Firmina. Luísa B., deixa a vida e sua filha órfã, fato esse que irá desencadear uma série de problemas na vida de Úrsula, pois é nesse momento que Fernando acredita que tem poder sobre a jovem, por ser o único parente vivo que ela possuiu. Mas Luísa não tem mais forças para continuar, está muito abatida pela doença e como último ato, pede para que a filha fuja das garras de Fernando. Até em seu leito de morte ela mostra o verdadeiro sentimento materno. Por fim, temos mais uma vez a personificação de como a mulher não tinha voz perante as vontades dos homens, mostrando novamente como o sistema patriarcal era presente.

3.1.5. Mãe de Tancredo

A mãe do jovem protagonista não tem nome na obra, é apresentada ao público apenas como mãe de Tancredo. Retratada pelo filho como “casta e pura”, a mãe de Tancredo era a personificação da maternidade. Se em Luísa B. via-se esse sentimento aflorado, na mãe do jovem ele se faz ainda mais presente, esta mulher é o “símbolo de docilidade e desprendimento, de abnegação e amor sem limites à prole” (MENDES, 2013, p.121).

Mais uma vez, temos a representação da figura materna sendo aquela que era dita como o ideal feminino, uma mulher digna de respeito e adoração, uma mãe. Tancredo chega a comparar sua mãe e sua amada várias vezes, reforçando o fato de ambas serem mulheres que mereciam tudo de melhor, pois eram perfeitas diante os olhos de si e da sociedade, almas puras, angelicais e cheias de virtudes.

Tancredo passa a representar sua mãe tal qual a imagem de uma santa, um ser tomado de perfeição, a própria personagem através das narrativas do filho se mostra resignada por sua posição, narra principalmente que por seu filho, aguentava todas as humilhações a que era imposta pelo marido “amo as humilhações, meu filho – disse com brandura, que me tocou as últimas fibras da alma – o mártir do Calvário sofreu mais por amor de nós” (REIS, 2018, p.44).

O filho apresenta a mãe em uma posição de total submissão ao marido, fato esse, que na época em que o romance foi escrito, não era visto como negativo, pelo contrário, a submissão feminina era vista como algo natural, virtuosa era a mulher que se submetia ao homem. Por isso, mesmo casada com um tirano, a mãe de Tancredo se mantinha fiel à imagem santificada de esposa. Mas Tancredo não via com bons olhos as atitudes que seu pai tinha com sua mãe, mas ele mesmo relata que sua mãe nunca se queixará de nada, aceitava tudo.

Temos então na mãe de Tancredo o mais puro exemplo de abnegação maternal e submissão ao patriarcado, fato esse que a levou à morte, fim destinado a todas as almas bondosas do romance. Enquanto o filho viajava, a mãe não tinha ninguém que a protegesse e estivesse consigo. Nesse ponto a mãe de Tancredo se assemelha a Luísa B., ambas foram expostas a comportamentos abusivos de homens e ambas demonstram tanta tristeza que acabam sucumbindo de vez, como afirma Mendes (2013):

Embora muito do universo de representação sobre as mulheres na primeira metade do século XIX no Maranhão, esteja reproduzido no romance *Úrsula*, principalmente no que tange aos arquétipos de bom e mau comportamento feminino, Maria Firmina dos Reis critica a violência como os homens tratavam suas esposas. Tanto a mãe de Tancredo como Luísa B..., mãe de Úrsula, são mostradas como mulheres que sofreram com os comportamentos tirânicos ou levianos, respectivamente, de seus esposos. E esse sofrimento fica visível na forma física como as duas mulheres são representadas no enredo (MENDES, 2013, p.126).

A vida de sofrimento abateu a jovem mãe, que ao contrário do pai, deixa a vida. Tendo finalmente seu momento de libertação.

Após todas as análises das personagens femininas da obra de Maria Firmina dos Reis, podemos afirmar que ela de forma muito inteligente e marcante, deu voz a todas

as personalidades de mulher da época. Ela mostra de maneira sensível todo o sofrimento e humilhações às quais as mulheres eram submetidas apenas por serem elas. Denuncia, por mais que não seja de forma explícita, o quanto o patriarcado interfere diariamente na vida e no destino dessas personagens.

Maria Firmina dos Reis convida todos os leitores a fazerem uma reflexão sobre a situação das mulheres e dos negros. Ela dá esperança de um final feliz aos seus leitores, um final em que todas tenham o que merecem, mas infelizmente, o que mais se aproxima desse final feliz merecido é a morte, que em sua obra vem para redimir e libertar os bons.

4. A figura feminina em contraste com a sociedade patriarcal

Como estudado anteriormente, através de reflexões e análises da situação da mulher e do negro em uma sociedade patriarcal, pode-se inferir que diversos problemas são encontrados na esfera que tange as mulheres na sociedade. Os problemas que eram enfrentados anos atrás, no ápice do que vem a ser o patriarcado, ainda são muito presentes atualmente.

O movimento feminista, que consiste em um movimento de luta pela igualdade de condições entre homens e mulheres, no sentido de que todos tenham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades. É importante salientar que feminismo não é oposto ao machismo, pois o machismo é algo imposto pela sociedade que promove e justifica atos agressivos e opressores contra as mulheres, e o feminismo prega igualdade e não justifica violência.

Muitas foram as mudanças ocorridas e o ritmo acelerado ao decorrer das décadas trouxeram transformações para o tema mulher, o olhar para o feminino modificou-se, surgindo novas temáticas sobre esta discussão. Segundo Narvaz e Koller (2016), os movimentos feministas contemporâneos são um reflexo das transformações do feminismo original, predominantemente branco e de classe média. Outro problema nas lutas de classe é como o movimento consegue ser, ao mesmo tempo que luta por igualdade, excludente, como podemos observar na fala de Bell Hooks, em sua obra *“Não sou uma mulher. Mulheres negras e feminismo”*:

As mulheres negras de todas as áreas do país podiam juntar-se para pedir igualdade social para as mulheres e o reconhecimento do impacto do sexismo sobre o nosso estatus social, estávamos num grande silêncio. O nosso silêncio não era meramente uma reação contra as mulheres brancas liberacionistas ou um gesto de solidariedade para com os homens negros patriarcas. Era o silêncio das oprimidas – o profundo silêncio causado pela resignação e aceitação de um único destino. As mulheres negras contemporâneas não se podiam juntar para lutar pelos direitos das mulheres porque nós não víamos a “natureza feminina” como um aspecto importante da nossa identidade (HOOKS, 1981, p. 5).

Como um movimento que foi criado em prol da inserção e igualdade da mulher pode também servir para excluir mulheres? Esse é um problema que vem sendo há muito tempo discutido, problema esse que traz suas raízes do mesmo lugar em que a sociedade patriarcal, é uma profunda herança de preconceitos. O feminismo visa a libertação de todas as mulheres, então ele precisa discutir as outras opressões que moldam a existência da mulher, precisa-se falar mais sobre a mulher negra, sobre a mulher pobre, sobre a mulher homossexual e sobre a mulher trans. Um feminismo que apenas trata

sobre gênero e ignora ou minimiza essas questões presentes de raça, classe, sexualidade, apenas foca no grupo mais privilegiado das mulheres: brancas, heterossexuais e com dinheiro.

É preciso romper essas bolhas. O feminismo está aí e busca uma emancipação e liberdade feminina para todas, e não para ser mais um movimento de repressão e exclusão. Uma exclusão não diminui a outras, existem pessoas que não são excluídas só por serem mulheres, mas também por serem negras, pobres, periféricas, LGBTQ+ etc. O movimento precisa incluir e não excluir, precisa chegar a todas e ajudar todas.

Rita Terezinha Schmidt, em seu artigo *Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira*, mostra como o movimento foi sendo desvalorizado e deslegitimado com o passar dos anos, mostrando algo que não é verdadeiro. Ela elucida que o termo vem atrelado “a certos sentidos do feminismo associado ao movimento de mulheres dos anos 60”, porém, visto de maneira bastante distorcida do movimento:

Estou me referindo à assimilação de algumas idéias pelo senso comum esclarecido, as quais se cristalizam na representação do feminismo como um movimento extremista de libertação das mulheres (Women’s Lib) sustentado por uma ideologia homofóbica, monolítica, autoritária, engessada na história passada e, o que é pior, empenhada na transformação da mulher, destituindo-a de suas características femininas!¹ Essa representação, em suas várias modulações de sentido, está presente não somente na esfera pública de produção e circulação de bens culturais, mas surpreendentemente também na esfera institucional de produção de conhecimento – na academia, mais precisamente –, onde se dissemina em discursos reducionistas, de conotação pejorativa e preconceituosa (SCHMIDT, 2006, p. 765).

Ou seja, vemos como um movimento que veio para defender a mulher e assegurar direitos iguais vem sendo utilizado justamente para fazer o contrário e “justifica” ainda mais atitudes machistas.

Tal temática sobre a mulher pode ser abordada sobre diversos aspectos, a mulher em diversas esferas da sociedade continua tendo que conquistar seu espaço diariamente, pois como tido anteriormente, a sociedade é patriarcal e suas raízes são grossas demais para serem cortadas. O período de invisibilidade feminina foi longo e sem espaço, assim como outros grupos marginalizados, como os negros, homossexuais e índios. E o que seria ser marginalizado? Seria todo ser humano que está à margem, e essa margem, segundo Cecil Jeanine Albert Zinani e Natalia Borges Polesso, em seu artigo “*Da margem: a mulher escritora e a história da Literatura*”, seria:

É realmente necessário discutirmos a violência aplicada à subjetividade feminina numa sociedade de arranjos patriarcais. Portanto, um olhar a partir da margem é urgente. E o que seria essa margem? Nas relações de gênero,

assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal (POLESSO, ZINANI, 2010, p. 100).

Mais uma vez temos a ideia de que tudo que foge ao masculino e ao patriarcado seria marginal, pois em uma sociedade ainda coberta de preconceitos e que tem em suas raízes um sistema patriarcal, torna-se quase impossível. Historicamente, o discurso dominante (patriarcal) reforçou cada vez mais a ideia da inferioridade intelectual da mulher, ou seja, não bastava apenas ser inferior fisicamente, mas também seriam intelectualmente menos capazes que os homens. Tal pensamento acarreta em várias esferas da sociedade.

É nítida a influência do patriarcado na construção e evolução social humana, e isso tem um impacto diretamente na imagem feminina e em seu papel familiar, profissional e social. Com o resultado dessas influências, temos inúmeras agressões à figura feminina, que conforme vai passando o tempo, no lugar de acabar, mais tem ganhado espaço para crescerem ainda mais, fazendo com que haja uma cisão ainda maior entre os gêneros.

Desde os primórdios da humanidade, a mulher, por mais que tenha sido introduzida como profissional no âmbito do lar, é colada sempre em um papel de coadjuvante, e nunca o de protagonista, sendo sempre atrelada ao papel masculino. Apesar da busca incessante pela libertação dos estigmas de mãe, dona de casa, esposa devota, o estereótipo ainda é muito presente na sociedade, pois toda mulher que buscar mudar essa imagem é tachada como alguém que tem um padrão fora do comum.

Lívia do Amaral Silva e Linck nos mostra que:

A exclusão do gênero feminino da construção dos registros durante a história reforça a aceitação da ideologia patriarcal, consequência dos mais de 2.500 anos em que as mulheres estiveram privadas de voz e conhecimento. O patriarcado pode ser entendido como uma maneira de organização social aderente apenas à metade masculina da espécie humana, caracterizado pela dominância dos homens e a subordinação das mulheres, que ocorre através do controle do homem sobre os interesses e perspectivas do mundo (LINCK, 2018, p. 5).

Ou seja, a busca da mulher por igualdade de gênero não é uma luta nova, muito pelo contrário, é uma luta longa e árdua que não tem a visibilidade necessária na sociedade, pois os conceitos patriarcais estão ainda muito presentes. Uma análise se faz necessária para entender como surgiu tal discrepância.

Como elucidado anteriormente, o sentido do patriarcado não está apenas ligado ao poder o pai sobre uma família, e sim pela supremacia masculina, desvalorização da

identidade feminina e atribuição da mulher apenas para procriação. Apesar de eventuais mudanças ao longo dos períodos, com miscigenação dos povos, criação de novos países, guerras, desenvolvimento tecnológico e todos os avanços, o sistema patriarcal sobreviveu, ou pior, ele evoluiu, e continuou concentrando suas bases na superioridade e subordinação. Segundo Machado (2000), estamos em um “patriarcado contemporâneos”, e Renzo Magno conclui que:

Neste contexto, a relação homem x mulher, continua herdando muitas características desiguais, mas estas agora se encontram em menor evidência, ainda assim presentes tanto em meio social, quanto profissional e familiar, influenciando o modelo ideal feminino contemporâneo (MAGNO, 2016, p. 6).

Atualmente, a mulher segue travando batalhas e tentando ser aceita de forma igual aos homens, mesmo que essa vontade não esteja sendo efetivamente aceita e reconhecida. A mulher que busca sua independência no trabalho tem muito menos possibilidades que os homens, muitas vezes exercem a mesma função e recebem remunerações diferentes.

A total dominação masculina em todas as classes sociais é notável, e mesmo que uma mulher assuma uma posição superior à de um homem, ela não será eximida de se sujeitar ao julgamento de um homem, seja ele seu pai, seu marido ou qualquer outro. A mulher apesar de ter encontrado cada dia mais autonomia diante da questão de gênero, segue sendo estereotipada, subjulgada de acordo com a sociedade patriarcal. Simone de Beauvoir realça:

O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens. Em conjunto, elas ainda se encontram em situação de vassalas. Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define. Cumpre-nos, portanto descrevê-la primeiramente como os homens a sonham, desde que seu ser-para-os-homens é um dos elementos essenciais de sua condição concreta (BEAUVOIR, 2016, p.196).

Com os ensinamentos dos episódios históricos vividos, a mulher se torna mais autônoma em relação ao homem e aos filhos na busca por seus anseios. Apesar de ser tratada e vista pela sociedade como mãe e responsável pelo lar, a mulher tomou consciência de si e do poder de se libertar do casamento e das funções maternas por meio do trabalho, não mais se sujeitando com docilidade aos mandos e desmandos de uma sociedade patriarcal.

Quando Simone de Beauvoir (2016) afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, ela está se referindo ao conceito de mulher que a sociedade patriarcal construiu. O corpo e a mente feminina devem ser instrumentos de liberdade, e não uma essência pré delimitada do que se deveria ser e como se deveria agir. Então o que quer dizer a afirmação é que nenhuma mulher nasce nesses moldes, assim como os homens também não nascem querendo a todo o momento reafirmar sua masculinidade. As mulheres aprendem a ser femininas e submissas e são assim controladas por outro gênero por causa disso, como pode ser observado na escrita de Linda Nicholson, ao explicar:

Em resumo, não se trata apenas dizer que certas ideias específicas sobre mulheres e homens – “as mulheres são cuidadosas em suas relações, capazes de alimentar, proteger e cuidar, enquanto os homens são agressivos e combativos” – estão sendo generalizadas equivocadamente; quero dizer que também estão sendo generalizadas equivocadamente, e possibilitando generalizações adicionais sobre o caráter, certos pressupostos sobre o corpo e sobre sua relação com o caráter – “existem aspectos comuns nos dados diferenciadores do corpo que geram aspectos comuns nas classificações do humano através de diferentes culturas e nas reações dos outros diante daqueles que assim são classificados” (NICHOLSON, 2000, p.21).

Logo, esse estereótipo e estigma diante ao gênero feminino, que é reproduzido tanto pelos homens quanto por algumas mulheres, apresentam algo que é histórico e social, como se fossem diferenças naturais. Homens e mulheres, naturalmente, não possuem essa relação de subordinação. Assim, os papéis de gênero são responsáveis pela consolidação de um discurso que constrói uma identidade, o que acaba por tirar muitos direitos que deveriam ser iguais a todos.

Assim, a condição atual da mulher pode ser vista, como diz Silva Linck:

[...] um resultado do conjunto articulado de uma civilização, que elabora o que se qualifica e, de forma ainda mais insultuosa, como deve se expressar o feminino frente à sociedade. As atribuições de papéis sociais diferentes para o gênero feminino e para o masculino, constituídas a partir de ocorridos históricos, permitem a perpetuação de uma assimetria entre os gêneros, cujo complexo de fenômenos opressivos articula a inferioridade, a discriminação, a dependência e a subordinação das mulheres, tornando-as reféns em decorrência da sua condição submissa (LINCK, 2018, p. 10).

Apesar de tudo, de toda opressão e todo silenciamento, as mulheres seguem em busca de novas realizações e conquistas, saindo da sombra do homem, buscando sua autonomia e sua visibilidade. A mulher precisa ser vista e respeitada da forma como ela deseja, livre de estigmas sociais, buscando a sua autonomia após anos vivendo na sombra da figura masculina que a cercava. Porém, tal caminho não é fácil e se faz

necessário um enfrentamento diário de diversos problemas causados pelo posicionamento da mulher moderna perante uma sociedade patriarcal e machista.

Inúmeros são os casos de violência contra as mulheres e crimes ligados a questão de gênero, pois após séculos de submissão ao gênero dominante acabaram por imprimir uma imagem de “gênero frágil” o que acaba por intensificar agressões de toda espécie contra as mulheres. Marilena Chaui, filósofa brasileira, fala que violência é toda a violação de liberdade e direito de alguém de ser um sujeito constituinte de sua própria história, “liberdade aqui entendida como ausência de autonomia”. Então, todo o uso do poder para dominar alguém, é um tipo de violência. A violência contra a mulher começa quando ela se sujeita a um homem apenas pela condição de sexo, a identidade feminina é construída muitas vezes por esta concepção, logo, quando alguma identidade diverge do esperado, essa mulher acaba por ser alvo de algum tipo de agressão e discriminação.

A violência contra as mulheres não é algo novo, existe desde a antiguidade e foi, por muito tempo socialmente aceita. Durante décadas a violência de gênero não foi considerada no Brasil. Foi somente em 2006, após pressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos que uma norma específica foi publicada no Brasil, a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, em homenagem a Sra. Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de inúmeras agressões de seu marido que resultaram em uma paralisia de seus membros inferiores.

Mesmo com todos os avanços, a mulher ainda está em uma posição de inferioridade, e ainda é vista como frágil, e ainda tem medo. A palavra que define é medo, e esse medo vem sendo alimentado ao longo dos anos, vivemos em uma verdadeira cultura do medo. Eis a palavra chave, cultura. Segundo Georges Daniel Janja Bloc Boris e Mirella de Holanda Cesídio (2007) “a cultura, embora possa ser definida de várias formas, exprime os diferentes modos de organização da vida social, referindo-se tanto à humanidade como um todo quanto às nações, às sociedades e aos grupos sociais”.

Uma das formas de compreender essa cultura de violência contra as mulheres, é entender que na sociedade patriarcal, gerada no período colonial, o homem tinha direito de controlar a vida da mulher como se ela fosse sua propriedade, determinando os papéis que a ela cabiam ser desempenhados com diferenças absurdas do gênero masculino, como podemos observar:

O homem tinha o dever de trabalhar para dar sustento à sua família, enquanto a mulher tinha diversas funções: de reprodutora, de dona-de-casa, de administradora das tarefas dos escravos, de educadora dos filhos do casal e

de prestadora de serviços sexuais ao seu marido. [...] estava sempre submetida aos interesses do patriarca. Salienta Fischer (2001) que, independentemente das diferenças entre as camadas sociais, o processo de socialização impunha a disposição da mulher a obedecer, o conhecimento claro do que era certo e do que era errado, bem como a capacidade de se conter. Tratava-se de um sistema em que a possibilidade de que a menina-moça-mulher viesse a transgredir e sentisse o "sabor" da liberdade era muito restrita. Restava-lhe o prazer de agradar (BORIS, CESÍDIO, 2007, p.10).

No período de vigência do sistema patriarcal, a luta das mulheres não se voltou somente para igualdade de direitos, mas também pela libertação do sofrimento psíquico e físico devido a sua marginalização na sociedade, incluindo a objetificação de seus corpos e desejos. Como explicitam os autores:

Assim como a mulher passou por uma série de lutas, transformações e conquistas pela sua libertação pessoal e profissional, o significado do seu corpo e da subjetividade feminina também acompanhou o processo de transformações sociais e históricas pelas quais passou a cultura ocidental. Na família patriarcal, havia uma mulher dominada, que não podia realizar seus desejos sexuais e profissionais. Havia tantos pudores na educação sexual das moças que lhes era negado o direito de adquirir conhecimentos acerca da sexualidade antes do casamento. Devido a este tabu, a primeira experiência sexual era vivenciada com culpa e vergonha (BORIS, CESÍDIO, 2007, p12).

Apesar das mulheres conseguirem conquistar maior autonomia perante a sociedade, de suas escolhas, seu corpo e seus direitos, com toda a evolução, temos também o lado ruim da evolução. Esta nova forma de existir passou a valorizar a estética do corpo e a independência financeira e profissional da mulher, o que contribuiu para a construção de uma nova subjetividade feminina. Porém, tal valorização acabou por tomar uma proporção negativa, pois as mulheres acabaram sendo sexualizadas ao extremo:

Tal valorização foi tão reforçada pelos meios de comunicação que, a partir do século XX, ocorreu uma banalização do corpo da mulher, pois a mídia o expôs em propagandas, revistas, jornais, programas de TV etc. a fim de estabelecer um padrão de corpo feminino. Resumidamente, assim podemos perceber as mudanças do modelo de subjetividade e de corpo feminino em relação aos dois períodos culturais (patriarcado e século XX): de um lado, uma mulher pura e recatada, virgem quando solteira, e, quando casada, devotada e dependente financeiramente do esposo; e, de outro, uma mulher sensual e provocante, estável profissional e financeiramente, mas submetida às imposições da mídia. O corpo feminino, que sofreu os limites impostos pela cultura e pela sociedade patriarcal em sua busca de prazer, deu lugar ao corpo que produz força de trabalho e parece se adequar aos interesses capitalistas: o lucro e a mão-de-obra do trabalhador. Ou seja, de acordo com Caldas (2001), o sistema capitalista cria padrões de comportamento e educa a classe operária segundo a sua própria visão do mundo, fazendo com que o corpo produza e consuma produtos vinculados aos desejos da mulher (BORIS, CESÍDIO, 2007, p.14).

Ou seja, a mulher não obteve em nenhum momento de sua história pela busca de igualdade um descanso, sempre está sendo subjugada pela sociedade, sociedade essa que não consegue se libertar das amarras do patriarcado, e que com isso faz com que as mulheres não possam ter direitos e possibilidades iguais.

É um absurdo pensar que em pleno século XXI, uma mulher não pode sair de casa sozinha à noite, sem o medo e a preocupação de voltar inteira pra casa. É mais absurdo ainda ver que as mulheres exercem as mesmas funções que os homens e não têm a mesma remuneração e oportunidades. Essa violência contra as mulheres é a expressão da insuficiente autonomia das mulheres em várias situações.

Na contemporaneidade, a mulher adotou um corpo sensual e provocante, atitude reforçada pela ideologia da mídia, que impõe um tipo ideal de mulher - esbelta, elegante e bem-sucedida profissional e financeiramente - que camufla tal influência sobre a subjetividade feminina, sem levar em consideração a diversidade cultural na qual as mulheres estão inseridas. A mídia tem funções claramente mercadológicas e a mulher tem motivações vinculadas ao seu desejo de consumo, de esbelteza do corpo e de novas formas de ser-no-mundo (BORIS, CESÍDIO, 2007, p.20).

Faz-se necessário uma reflexão maior acerca do assunto das mulheres, é necessário que todas se unam para conseguir finalmente uma liberdade, uma verdadeira liberdade e não uma ilusória. É preciso que a exclusão de parte das mulheres acabe, pois um movimento forte é um movimento unido. Que todas busquem se inspirar mais em Maria Firmina dos Reis, Maria Carolina de Jesus, Maria da Penha Maia Fernandes, Cristiane Sobral, e outras grandes mulheres, que sempre buscaram e lutaram por seus direitos, e que inspiram cada vez mais mulheres.

Quando trazemos essa discussão para “*Úrsula*”, vemos como Maria Firmina dos Reis era uma mulher á frente de seu tempo. Como dito anteriormente, o papel das mulheres era o domiciliar, não serviam para qualquer que fosse o serviço fora de casa, Maria Firmina além de ter tido uma educação formal, tornou-se a primeira mulher a conseguir uma cadeira para dar aulas as crianças, ou seja, não era uma dona de casa devota do lar, e sim uma escritora e professora.

Segundo Luana Barossi, a abertura de caminhos para escrita tanto feminina, quanto negra, é atual. O que não significa que elas não escrevessem, significa apenas que ficaram fora do cânone, pois seriam “espaços historicamente silenciados e marcados por resquícios ainda presentes, na contemporaneidade, do colonialismo e da escravidão” (BAROSSO, 2017, p. 20). Ou seja, o mercado para a escrita feminina, por mais que tenha tido uma abertura, ainda hoje carrega resquícios de discriminação e preconceito.

Maria Firmina, ao escrever sua obra e publicá-la com um pseudônimo, queria que sua obra fosse lida e circulasse entre o povo, para que eles pudessem ver que ela estava lá e merecia ser ouvida. Esse é um fato que reparamos também na construção de suas personagens femininas. Tanto Úrsula, quanto as outras personagens, mostram um perfil diferente de cada mulher, todos representam alguém em suas obras, temos a livre, a escrava, a submissa, a interesseira, a branca, a negra. Ou seja, todos os tipos de mulheres estão representados na obra. Algo que para a época não teve a devida notoriedade.

Outro tipo de representatividade que temos são as formas de violência às quais essas mulheres são sujeitadas ao longo da obra. Como relatado acima, violência é todo e qualquer tipo de tentativa de dominação por uma classe mais “dominante”. Temos Úrsula, que ao tentar ficar com quem ama, acaba perdendo seu amor e por consequência dessa perda, se perde. Temos as violências sofridas por Susana, tanto na época em que foi tirada de casa para ser escrava, quanto Fernando P*** acha que ela ajudou Úrsula a fugir, Susana sofre tanto violência psicológica, quanto física. Adelaide, que mesmo tendo agido sempre por interesse, tem um final tão trágico quanto todas, pois nunca consegue ser feliz em seu casamento com o pai de Tancredo, ele sempre a trata de forma abusiva, assim como fazia com a mãe de Tancredo. A mãe de Tancredo foi uma das que mais sofreu violência psicológica na obra, pois sempre viveu sob as garras do marido, sendo silenciada e mal tratada. E por fim temos Luísa B. que além de sofrer com o marido, sofreu com irmão.

O que podemos inferir é que desde o século XIX até hoje, temos uma forte influência da figura masculina em relação à feminina. Os abusos sofridos pelas mulheres apenas mudaram de século, mas continuam fazendo muito mal a todas, a diferença é que hoje se tem muito mais conhecimento do que acontece, muitas denúncias são feitas, como se fosse alguma forma de reparação pelos anos de silêncio.

Tal diálogo permite pensarmos na ética em duas dimensões: a primeira é a da crítica, em termos de responsabilidade por abrir espaços às produções literárias antes obliteradas; e a segunda é a noção de escrevivência, instituída pela potência da escritura (po)ética de novas maneiras de existir que não aquelas instituídas pelo histórico escravagista e colonial, mas buscando a criação de um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência (BARONI,2017, p.23).

Ou seja, podemos concluir que ainda não estamos no momento que desejamos, mas estamos a passos de conseguir a tão sonhada igualdade, seja na academia, seja na vida, e até nas personagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, percebemos a importância de se estudar determinados assuntos que ao mesmo tempo em que são antigos, aparecem muito atualmente na história não só do Brasil, como do mundo inteiro, seria esse o papel da mulher em uma sociedade patriarcal, seus direitos e deveres e a forma como tem sido vista. É inegável os avanços conquistados pelas mulheres ao longo nos últimos séculos, saindo de uma posição de total submissão no século XIX, período em que a obra "*Úrsula*" foi escrito, foi conquistado o direito de trabalho e até mesmo escolher seus maridos.

Conhecendo de perto essas mulheres, sejam elas as personagens da obra, sejam elas de carne e osso, se faz necessária uma reflexão de como e o porquê as mulheres ainda hoje, em um mundo tão globalizado e modificado com novos valores e novas situações, ainda passam por problemas que eram encontrados nos séculos passados. Ainda hoje vemos mulheres extremamente capazes e profissionais, exercendo uma mesma função de um homem recebendo menos. Temos mulheres que têm medo de sair na rua quando escurece, pois pode aparecer alguém e cometer violência contra elas.

Arrisco falar que os tempos hoje são bem piores e sombrios, pois em um mundo com tanta informação, tanta educação e liberdade, é triste pensar nas mulheres que ainda passam por situações de risco e que muitas vezes não conseguem sair por medo e falta de apoio. Medo até do julgamento que é imposto a essas mulheres. Quem nunca ouviu a frase "ela que provocou", "saindo com essa roupa tá pedindo"? Infelizmente são discursos que ouvimos praticamente todos os dias, prova real de que o sistema patriarcal afeta de maneira prejudicial às mulheres e as colocam vulneráveis.

Considerando o objetivo deste trabalho, que foi justamente análise das situações vividas pelas mulheres, podemos concluir que pouco mudou e que ainda temos muito a mudar. Mas para que esse cenário mude, temos que nos unir, todos, não apenas mulheres, os homens também precisa se unir as mulheres, para que todos possamos ter melhores condições, para que as violências sejam cessadas, para que as mulheres enfim possam ser livres, na totalidade da palavra liberdade.

É necessário que ensinemos nossas crianças desde sempre que a liberdade de escolha é direito de todos e que a violência não é o caminho. Podemos concluir que a força da mulher vem de milhares de anos e também de milhares de anos vêm a luta dela em se afirmar e se fazer pertencente a um mundo machista, que prega que mulheres não podem e não devem fazer as mesmas coisas que são destinadas à homens. As

protagonistas inspiram e trazem a tona a vontade que a mulher tem de ser livre, algo que Maria Firmina nos traz de uma maneira bela e sensível.

Esse estudo não deve acabar aqui, ainda tem-se muito que fazer para que as mulheres conquistem tudo àquilo que lhes é de direito. E um lugar que podemos incentivar esses debates é a escola. A escola é, dentro de tanta diversidade, um leque de possibilidades e desenvolvimento humano. O professor precisa se engajar e tratar as diferenças como variáveis positivas, que só geram somatório para o aprendizado.

O professor é aquele que abre portas, mostra possibilidades, indica o caminho para uma trilha maravilhosa do conhecimento. Cabe a todos os professores tomarem as rédeas da situação, e mesmo com todas as dificuldades, tomarem uma dose de ânimo para seguirem em frente, e juntos mudar a realidade de várias pessoas. Não importa quanto alunos não estão prestando atenção, se apenas um entender e absorver as coisas, o papel terá sido muito bem desempenhado. Por fim, pode-se tirar desse trabalho a vontade de ir além, o impulso necessário para que não se desista, e que possamos sempre buscar melhores condições, justas e iguais para todos, sejam homens ou mulheres, brancos ou negros, heterossexuais ou homossexuais. Todos têm os mesmos direitos, o direito a uma vida livre e que possam se orgulhar todos os dias de quem são.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Neuma. *Patriarcado, sociedade e patrimonialismo*. Soc. estado. vol.15 no.2 Brasília June/Dec. 2000.
- ANDRETA, Bárbara Loureiro. ALÓS, Anselmo Peres. *A Voz e a Memória dos Escravos: Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Identidade!* | São Leopoldo | v.18 n. 2 | p. 194-200 | jul./dez. 2013 | ISSN 2178-0437X Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/identidade>> Acesso em: 25 de abril de 2019.
- _____, *A literatura afro-brasileira de autoria feminina: um estudo de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Revista Ao pé da Letra – Volume 15.2 – 2013.
- BAROSSO, Luana. (Po)éticas da Escrivivência. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. N. 51, p.20-40. Agosto de 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida* /tradução, Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* – 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. CESÍDIO, Mirella de Holanda. *Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade*. Revista Mal estar e subjetividade. V.7 N.2- Fortaleza setembro de 2007.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- _____, *O romantismo no Brasil* / Antonio Candido.—São Paulo : Humanitas / FFLCH / SP, 2002.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. *Escravidão negra pelo olhar de Maria Firmina dos Reis no romance Úrsula*. Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 4, n. especial - dossiê temático. 2018.
- CARVALHO, Tereza Ramos de. SANTOS, Daniela Soares do. *A representação do negro escravo na narrativa de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Revista Humanidades e Inovação v.5, n. 1 – 2018.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis* / Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho. – 2018.
- CASTRO, Samuel Mariano de. *A escravidão do Século XIX representada em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Brasília, 2015.

- CASTRO, Rocío. *A necessária reflexão sobre a cultura patriarcal na era da globalização*. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.
- COSTA, Marta Nunes. *Transformando o patriarcado? O papel da luta feminista na reconfiguração das categorias marxistas*. Trans/Form/Ação vol.41 no.3 Marília jul./set. 2018
- CUNHA, Bárbara Madruga. *Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero*. Paraná, 2014.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade/ tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.*
- _____, *Não sou eu uma mulher. Mulheres Negras e o Feminismo*. Editora: Orfeu Negro, 2018.
- LINCK, Lívia do Amaral e Silva. *O estigma de gênero aplicado a mulher frente uma sociedade patriarcal*. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 08 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.591141&seo=1>>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- LAMAIRE, Ria. *Repensar um percurso na ocasião de um aniversário*. Cerrados31. Abril de 2011.
- MENDES, Melissa Rosa Teixeira. *Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. São Luís, 2013.
- MILLET, Kate. *Política Sexual*. Tradutores: Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. (Cadernos Dom Quixote n.º 37). 1970.
- MORGANTE, Mirela Marin. NADER, Maria Beatriz. *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico*. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, 2014.
- MONTEIRO, Maria do Socorro de Assis. *O subterrâneo intimismo de Úrsula: uma análise do romance de Maria Firmina dos Reis*. Letrônica v. 2, n. 1, p. 361 - 381, julho 2009
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis*. Muitas Vozes , Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 247-260, 2013.
- NOGUEIRA, Renzo Magno. *A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero*. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862,

Teresina, ano23, n.5377, 22 mar. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48718>. Acesso em: 26 de Junho de 2019.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. In: *The Play of Reason: From the Modern to the Postmodern*. 1999 [p.53-76]. Reproduzido ao português com permissão da editora Cornell University Press.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

POLESSO, Natália Borges. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Da margem: a mulher escritora e a história da literatura*. MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras [recurso eletrônico]* / Maria Firmina dos Reis. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. – (Série prazer de ler; n. 11 e-book) Conteúdo: Úrsula – Gupeva – A escrava – Cantos à beira-mar.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Refutações ao Feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira*. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, setembro de 2006.

ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. São Paulo, 2016.